



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MARÍLIA AMORIM MARQUES SIMÕES

AS BIOGRAFIAS DE MICHEL FOUCAULT COMO PROBLEMA

CHAPECÓ

2021

MARÍLIA AMORIM MARQUES SIMÕES

AS BIOGRAFIAS DE MICHEL FOUCAULT COMO PROBLEMA

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado como requisito para a obtenção de Grau
de Licenciatura em História da Universidade Federal
da Fronteira Sul (UFFS).

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Machado

CHAPECÓ

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Simões, Marília Amorim Marques
As biografias de Michel Foucault como problema /
Marília Amorim Marques Simões. -- 2021.
57 f.

Orientador: Dr. Ricardo Machado

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2021.

1. Biografia. 2. Historiografia. 3. Teoria da
História. 4. Máscaras. 5. Corpo. I. Machado, Ricardo,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

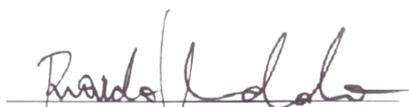
MARÍLIA AMORIM MARQUES SIMÕES

AS BIOGRAFIAS DE MICHEL FOUCAULT COMO PROBLEMA

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado como requisito para a obtenção de Grau
de Licenciatura em História da Universidade Federal
da Fronteira Sul (UFFS).

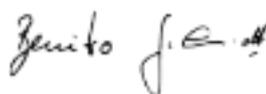
Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 25/01/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ricardo Machado – UFFS

Orientador



Prof. Dr. Benito Schmidt – UFRGS

Avaliador



Prof. Dr. Fábio Feltrin – UFFS

Avaliador

Dedico esta pesquisa à minha mãe Ioneida
(*in memoriam*).

Alô, Foucault
Cê quer saber o que é loucura?
(Criolo - Duas de cinco)

Biografia

*Escreverás meu nome com todas as letras,
com todas as datas,
e não serei eu.*

*Repetirás o que ouviste,
o que leste de mim, e mostrarás meu
retrato,
e nada disso serei eu.*

*Dirás coisas imaginárias,
invenções sutis, engenhosas teorias,
e continuarei ausente.*

*Somos uma difícil unidade,
de muitos instantes mínimos,
isso seria eu.*

*Mil fragmentos somos, em jogo misterioso,
aproximamo-nos e afastamo-nos,
eternamente.
Como me poderão encontrar?*

*Novos e antigos todos os dias,
transparentes e opacos, segundo o giro da
luz,
nós mesmos nos procuramos.*

*E por entre as circunstâncias fluímos,
leves e livres como a cascata pelas pedras.
Que mortal nos poderia prender?*

(Cecília Meireles)

RESUMO

Na presente monografia abordamos alguns episódios fragmentados das biografias de Michel Foucault (1926-1984) como objeto de investigação. Para isso partimos de acontecimentos recentes envolvendo os arquivos do filósofo, que tiveram seus discursos pautados em aspectos da vida do intelectual. Após observar suas ressonâncias biográficas, evidenciamos situações em que Foucault fugiu de seu nome e/ou funções que definissem seu corpo enquanto uma unidade. Para tal, identificamos o uso estratégico de disfarces do filósofo, através do anonimato e dos pseudônimos, pois esses foram alguns dos modos abordados por Foucault para reinventar-se enquanto indivíduo. Seguindo esse recorte biográfico de sua vida, buscamos tensionar novas possibilidades de construir narrativas biográficas como escritas da história.

Palavras-chave: Biografia. Historiografia. Teoria da História. Máscaras. Corpo.

RÉSUMÉ

Dans la présente monographie, nous abordons certains épisodes fragmentés des biographies de Michel Foucault (1926-1984) comme objet d'investigation. Pour cela, nous partons d'événements récents impliquant les archives du philosophe, dont les discours étaient basés sur des aspects de la vie de l'intellectuel. Après avoir observé ses résonances biographiques, on peut voir des situations dans lesquelles Foucault a fui son nom et / ou ses fonctions qui définissent son corps comme une unité. À cette fin, nous avons identifié l'utilisation stratégique des déguisements par le philosophe, à travers l'anonymat et les pseudonymes, car ce sont quelques-unes des façons dont Foucault a abordé pour se réinventer en tant qu'individu. À la suite de cette partie biographique de sa vie, nous cherchons à mettre en tension de nouvelles possibilités de construction de récits biographiques en tant qu'écrits d'histoire.

Mots-clés: Historiographie. Théorie de l'histoire. Masques. Corps.

LISTA DE SIGLAS

BNF - Biblioteca Nacional Francesa

CONSUN - Conselho Universitário

IMEC - Instituto Memória da Edição Contemporânea

PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

USP - Universidade de São Paulo

SNI - Sistema Nacional de Informações

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O BANQUETE DA RAPOSA	13
CAPÍTULO 1:	21
FOUCAULT VIVE AQUI	21
CAPÍTULO 2:	37
UMA DOENÇA QUE RESSOA: NÃO ME PERGUNTE QUEM SOU	37
2.1 AS MÁSCARAS DE MICHEL FOUCAULT	37
2.2 O DESVANECER DE MICHEL FOUCAULT	41
2.3 MICHEL FOUCAULT ADVERTE: USEM MÁSCARA	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	50
OS TEMPOS DOS CORPOS DE MICHEL FOUCAULT	50
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO: O BANQUETE DA RAPOSA

O ato de biografar é milenar¹ e híbrido², dispondo assim de diversas possibilidades teóricas e metodológicas disponíveis para sua produção. Na historiografia tenta consolidar-se enquanto narrativa histórica, buscando suas críticas, supostos problemas e inseguranças. Na obra *O desafio biográfico: escrever uma vida* (2009), de François Dosse, podemos obter um panorama histórico da utilização da biografia. Dosse faz uma espécie de história das formas de narrar biografias, apontando as modificações do gênero em seus períodos históricos. Segundo o historiador Benito Schmidt (2012) “o gênero biográfico nasceu junto com o gênero histórico na Grécia do século V” (p. 187). Mesmo se tratando de dois gêneros praticados no mesmo período e que por vezes se cruzaram,

[...] na Antiguidade a biografia era vista como distinta da história, como bem expressa a famosa sentença de um dos mais destacados praticantes do gênero, Plutarco [...] afirmou: ‘Não escrevemos histórias, mas Vidas’ (SCHMIDT, 2012, p. 187).

Neste sentido, como ressaltou os pesquisadores Alexandre Avelar e Benito Schmidt (2018), “os dois gêneros estiveram mais em posições antagônicas do que em convergência” (p. 10). Os usos da biografia na história encontram-se às margens, e por vezes no esquecimento, sendo seu uso considerado problemático e fronteiro. Acusada de colocar em risco a veracidade dos fatos apresentados, o uso de ferramentas literárias na produção de biografias está entre as principais críticas do gênero. Mas ainda assim, “o gênero continuava a ser praticado, porém desvestido de glórias universitárias até sua reação, nas décadas de 1980 e 1990 [...]” (MALATIAN, 2008, p. 20). Para Tereza Malatian (2008), a biografia ganhou uma certa “legitimidade” e prestígio, a partir, de publicações de obras como: *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo* (1988) *São Luís: biografia* (1999) de Jacques Le Goff.

A recuperação da biografia no campo histórico, principalmente no meio

¹ Dosse considera que “todas as gerações aceitaram a aposta biográfica” (DOSSE, 2009, p. 11). E para compreender sua utilização milenar divide seu uso em 3 fases, são elas: a idade heróica, a idade modal e a idade hermenêutica. Ver mais em Dosse (2009, p.13).

² Para Dosse: “gênero híbrido, a biografia se situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, [...] e o Polo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador” (ibid., p. 55).

universitário, ocorreu a partir do “[...] redespertar do interesse dos historiadores pelos estudos biográficos. As razões deste fato são variadas e relacionam-se tanto com o contexto social da disciplina quanto com a sua transformação teórica” (SCHMIDT, 1996, p. 171). Assim, o reencontro dos dois gêneros trouxe novas oportunidades de flertes com outras áreas do conhecimento, ou seja,

em termos contextuais, deve-se considerar que a massificação da sociedade contemporânea tem como contrapartida a procura da identidade individual [...] No âmbito teórico, a volta da biografia está relacionada com a crise do paradigma estruturalista, que havia orientado uma parte considerável da historiografia a partir dos anos 60 [...] Por fim, no círculo acadêmico, é importante salientar a aproximação da história com a antropologia, na qual o resgate das histórias de vida já é uma praxe; e com a literatura, preocupada com as técnicas de construção dos personagens (SCHMIDT, 1996, p. 171).

A biografia também tornara-se uma possibilidade de narrar vidas de pessoas comuns, corpos que ocupavam as margens, vidas esquecidas, rostos fichados pelos sistemas, indivíduos subjugados, sem grandes conquistas ou insurgentes, subversivos e infames. A biografia como narrativa histórica, com sua “legitimidade acadêmica” também estava passível de críticas, estando relacionada em grande parte pelo sociólogo Pierre Bourdieu.

Para o autor, “a história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico” (BOURDIEU, 2015, p. 184). Essa afirmação inicia o texto *A ilusão biográfica* (2015) e talvez ela seja a mais coerente da narrativa, em grande parte por nos mostrar que ainda podemos dar lugar ao senso comum, que a academia ainda pode dar conta dessas vidas silenciadas. Mas não engane-se para o autor, isso está relacionado com alguns problemas do uso da biografia.

A história de vida bourdieusiana é apresentada a partir de um panorama crítico e reducionista da prática biográfica. Para ele as biografias colocam vida como uma unidade sucessiva de acontecimentos, ou seja, “[...] uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história” (BOURDIEU, 2015, p. 184). Esta prática de escrita é denominada de “ilusão biográfica”, pois, para Bourdieu “é exatamente o que diz o senso comum, isto é, a linguagem simples, que descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira, [...] um deslocamento linear [...]” (BOURDIEU, 2015, p. 184), assim como se pressupunha os tempos da filosofia da história.

A condição linear da narrativa não é o único aspecto problemático encontrado pelo autor, para ele a relação fronteiriça que o gênero possui com a literatura é um modo de considerar que

[...] o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar (BOURDIEU, 2015, p. 185).

Neste sentido, somente poderíamos narrar uma vida enquanto uma pulsão narcísica, em que o relato (auto)biográfico seria uma definição do indivíduo como unidade. Essa existência lógica e sucessiva é destacada a partir de grandes acontecimentos que ganham coerência quando articulados com a literatura. Assim, o indivíduo biografado estaria consequentemente ligado a uma unidade total. A composição totalizante de um indivíduo “[...] mais evidente é, obviamente, o nome próprio [...]” (BOURDIEU, 2015, p.184), pois é o nome próprio que acaba por instituir uma “[...] identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis” (BOURDIEU, 2015, p.184). Mas e se o que parecem ser críticas, fossem posicionados como oportunidades de construir novas narrativas historiográficas?

Portanto, se, ao invés de buscarmos narrar uma vida linear, optarmos por acontecimentos temáticos fragmentados, que se constróem através do passado e do presente. No caso da literatura não a consideramos um problema, mas uma ferramenta valiosa de aproximação entre os acontecimentos e as lacunas do passado. Assim como o nome próprio, que não seria a base da narrativa, mas sim parte fundamental do questionamento do biografado sobre sua vida e sua construção enquanto unidade. Neste sentido, estaríamos seguindo na contramão das afirmações acerca da ilusão biográfica, desvinculando-se de uma verdade inexistente sobre a biografia. Afinal, se trata de um gênero que não cessou em recriar e redefinir suas possibilidades ao longo dos tempos.

Na apresentação da obra *O que pode a biografia?* (2018), os organizadores apontam que os textos mais recentes sobre biografia “[...] se caracteriza pela incessante reafirmação de suas virtudes e importância, como se esta recorrente ênfase fosse necessária para afastar os olhares ainda reticentes dos historiadores” (AVELAR; SCHMIDT, 2018, p. 10). Assim, esta narrativa não tem por finalidade explicar e/ou

legitimar o uso da biografia como possibilidade histórica. Consideramos que a narrativa biográfica faz parte de uma metodologia que pode ser utilizada na historiografia.

Ao retomarmos a afirmação de Plutarco, de que a biografia distintamente da história narrava vidas, compreendemos que tanto a biografia quanto a história narram corpos. Toda história de vida parte de um corpo. Neste sentido, considerando que “[...] os historiadores falam dos mortos mas adoram esconder os cadáveres. Eles falam dos personagens históricos, mas eles são abstrações conceituais ou nomes sem corpo e sem rosto” (ALBUQUERQUE, 2019, p. 250). Assim a biografia pode ser uma narrativa da vida e também do corpo.

O corpo não é apenas um dado material, como a carne, um corpo se faz com carnes, mas também com signos, imagens, conceitos, enunciados, performances, gestos, comportamentos, códigos, regimentos, tecnologias e artefatos. Faz-se corpo com distintas matérias de expressão. Um corpo não é apenas um arranjo biológico, mas também um organismo simbólico e imaginário, [...] (ALBUQUERQUE, 2019, p. 249).

Na biografia um dos principais aspectos é o biografado, neste caso, nosso biografado é considerado um dos “mestres da antibiografia”³. Também é reconhecido pela sua multiplicidade no modo de agir e pensar. Foi durante sua viagem mais discreta ao Brasil, em 1976, que Michel Foucault expôs seu desinteresse pela própria biografia. Na entrevista para o primeiro número da revista *Versus* (1976), Foucault foi questionado sobre qual seu método de trabalho e de estudo, e declarou:

Tenho um tipo de doença que consiste em ser incapaz de conceder entrevistas autobiográficas. O que importa é o que acontece, não o que alguém fez. [...] Minha história pessoal não tem grande interesse. A não ser pelos meus encontros, ou situações em que vivi (FOUCAULT, 1976).

Pois bem, se considerarmos que a vida de Foucault só é interessante a partir dos encontros e das situações em que viveu, podemos seguir sua biografia a partir destas situações. Para isso devemos embarcar na relação do filósofo com seus amigos e/ou amantes, ou seja, partir dos textos escritos por eles para investigar sua vida. Quando jovem, Foucault não tinha muitos amigos, mas em sua vida adulta, sua casa estava sempre cercada de amizades e socializações, seja para uso de drogas e/ou confraternizações.

Nos anos entre 1951 e 1955, Foucault lecionou psicologia na *École Normale*

³ Referência ao capítulo intitulado: *As biografias dos mestres da antibiografia*, na obra *O desafio biográfico* (2009), de François Dosse.

Supérieure, sendo o centro de um grupo de amigos compostos por seus alunos: Paul Veyne, Jean- Claude Passeron, Gerard Genette, Maurice Pinguet, Jean Molino e Jean-Louis Van Rogermaster. O grupo era conhecido como os marxistas folclóricos, nomeação pejorativa concedida pelos marxistas ortodoxos (ERIBON, 1990). Foucault e seu grupo “discutem durante horas no saguão de entrada ou no pátio da École: E, “*le Fouk’s*” - é assim que chamam Foucault (*Fuchs* quer dizer “raposa”, em alemão)” (ERIBON, 1990, p. 65). Do grupo, podemos dizer que Paul Veyne manteve sua amizade com Foucault por toda vida.

Podemos encontrar nas amizades os aspectos da vida de Foucault, pois “nos relatos escritos sobre ele por seus amigos, seus amantes, seu seres amados, seu corpo e suas práticas corporais ganham tanta centralidade [...]” (ALBUQUERQUE, 2019, p. 252). As narrativas que consideramos como relatos de amizade que apresentam o corpo de Foucault são: *Michel Foucault 1926-1984* (1990), de Didier Eribon; *Foucault: Seu pensamento, sua pessoa* (2011), de Paul Veyne; *O que amar quer dizer?* (2014), de Mathieu Lindon e *Impressões de Michel Foucault* (2017), de Roberto Machado.

A obra *Michel Foucault (1926-1984)*, de Didier Eribon, publicada em 1989 na França, foi lançada em 1990 no Brasil pela Companhia das Letras. A obra de Eribon tem como objetivo a elaboração da vida de Foucault de maneira cronológica, do nascimento à morte. Seguindo a cronologia, apresenta os aspectos da vida familiar, das viagens e dos encontros intelectuais do filósofo. O autor utilizou-se de documentos, entrevistas e obras do próprio intelectual, apresentando as datas de publicações e os caminhos feitos para a realização da escrita. Buscou assim, dar continuidade ao corpo simbólico de Foucault, narrando sua trajetória a partir do condicionamento entre a vida e a obra.

A biografia realizada por Eribon (1990) contém relatos de amigos e personalidades próximas a Foucault. Vale ressaltar que a narrativa foi publicada poucos anos depois da morte do intelectual, sendo assim uma grande possibilidade editorial, uma vez que, o interesse sobre a vida de Foucault estava em alta, e para aqueles que fizeram parte de alguns momentos a biografia tornou-se uma oportunidade de destacar sua própria existência (DOSSE, 2009). O livro também conta com caracterizações sobre o modo de agir de Foucault, destacando suas singularidades e multiplicidades. Para alguns era considerado “[...] a encarnação do demônio, nem mais nem menos”

(ERIBON, 1990, p. 146), e para outros um indivíduo de várias versões e atuações.

O livro *Foucault: Seu pensamento, sua pessoa*, do amigo Paul Veyne foi lançado pela primeira vez em 2008, na França, sendo traduzido no Brasil pela editora Civilização Brasileira em 2011. A partir de suas memórias, Veyne, recorda a trajetória intelectual de Foucault, apresentando o movimento de seu pensamento. A singularidade no modo de pensar de Foucault é comparada com a habilidade de um samurai, que com sua “[...] esgrima intelectual manejava a pena como se fosse um sabre” (VEYNE, 2011, p. 10-11). Assim, é possível identificar as singularidades e os deslocamentos de seu *corpus* filosófico, para Veyne

compreender o que diz ou faz outrem é um ofício de ator que “se põe na pele” de seu personagem para compreendê-lo, esse ator é um historiador, ele precisa, além disso, fazer-se escritor de teatro para compor o texto em seu papel e encontrar palavras (conceitos) para dizê-lo (VEYNE, 2011, p. 27).

Essa relação entre o personagem e o ofício da história, proposta por Veyne, para narrar aspectos da vida e obra de Foucault, pode ser associada ao ato de biografar, onde o biógrafo “se põe na pele” do biografado para construir sua vida. Têm, assim, uma espécie de relação antropofágica, em que é necessário alimentar-se do emaranhado de informações sobre o biografado, para, em seguida, selecionar os fragmentos para escrever a narrativa, oferecendo uma espécie de banquete do biografado.

Em *O que amar quer dizer?*, de Mathieu Lindon, publicada originalmente em na França em 2011 e no Brasil em 2014 pela editora Cosac Naify, é possível perceber um olhar íntimo sobre uma grande amizade entre Mathieu e Michel. Mesmo se tratando de uma narrativa autobiográfica sua relação com o filósofo é o principal pano de fundo da narrativa, juntamente com a relação conflituosa de Lindon com seu pai.

A obra narra as aventuras no apartamento de Foucault, tanto os episódios que passaram juntos quanto os momentos em que Lindon morou no apartamento, nas ocasiões em que Foucault viajava a trabalho, relatando as ocasiões felizes e tristes que passaram juntos e recordando o primeiro momento que viu, conheceu e conversou com o intelectual e também o dia em que recebeu a notícia de sua morte. Todas as situações são contadas através das lembranças de Lindon, que escreveu para agradecer toda a participação de Foucault em sua vida. O livro não tem como objetivo construir a vida total de Foucault, sua temporalidade se dá através da amizade e dos pequenos

fragmentos de memória. A história dessa amizade não possui espaço para uma leitura acerca do pensamento e das obras de Foucault, se restringindo aos acontecimentos privados da vida de ambos.

As lembranças do filósofo brasileiro Roberto Machado publicadas em 2017 pela editora N-1, em *Impressões de Michel Foucault*, também nos apresenta uma versão biográfica fragmentada. A partir de uma leitura sobre o pensamento foucaultiano, Machado narra as viagens de Foucault ao Brasil, em 1976. A amizade é narrada a partir da visão de Machado sobre diversos papéis de Foucault em sua vida, sendo eles: o intelectual, o professor, o orientador e também o amigo.

Para o amigo brasileiro, somente o choro diante da morte não seria suficiente para cessar a “[...] saudade- essa vontade de eternizar a beleza das coisas que passam” (MACHADO, 2017, p. 234). Assim, Machado recorda as primeiras impressões do momento em que teve contato com o pensamento de Foucault, narrando como ficou incomodado, pois se tratava de algo muito distinto daquilo que pensava na ocasião. Mas foi esse estranho incômodo que o levou a mergulhar nas obras do intelectual e se tornar um dos principais difusores de Michel Foucault no Brasil.

A partir das narrativas dos amigos podemos observar as práticas de vida de Foucault que muitas vezes são desconsideradas na realização de pesquisas sobre o filósofo, pois a consideram como sendo de aspectos “[...] pouco edificantes, imorais, pornográficas, de mau gosto, preferem omiti-las em nome da preservação de uma reputação e uma fama que ele mesmo abominou” (ALBUQUERQUE, 2019, p. 251). Mas será que é possível desvincular sua vida de seu pensamento? E se

[...] Michel Foucault aprendeu com suas práticas corporais parte daquilo que está em seus livros, artigos, conferências? Será aceitável a separação completa entre o Michel Foucault que escrevia textos, que dava aulas, que ministrava conferências e o Michel Foucault que frequentava boates gays, casas de massagem, locais de encontros sadomasoquista, que viajava com o uso de drogas e não apenas para cumprir seus compromissos? Como separar o pensamento de Michel Foucault das viagens e viragens de suas carnes [...] (ALBUQUERQUE, 2019, p. 251).

Mesmo havendo um afastamento entre a vida e o pensamento de Foucault, recentemente algumas situações envolvendo seus arquivos tiveram sua vida como foco. Os eventos envolvendo a compra e a venda dos arquivos de Foucault na França permearam seus acontecimentos biográficos, assim como o veto sobre a criação da

cátedra sobre Foucault no Brasil, vetada a partir de argumentos envolvendo a vida do intelectual.

Compreendemos que os aspectos biográficos de Foucault são retomados em nossa contemporaneidade. E essas práticas de vida abordadas no presente podem ser um modo de demonstrar que a vida de Foucault pode ser um problema hoje. Afinal, as situações envolvendo seus arquivos são parte constituinte de sua biografia, pois esses acontecimentos só são possíveis a partir das ressonâncias de seu corpo.

Assim cabe-nos revisitar algumas práticas da vida de Foucault que fogem da centralidade de seu nome, buscando as furtividades, as artimanhas, as estratégias, o anonimato e as máscaras utilizadas por Michel Foucault, pois são essas características biográficas que constituem os problemas. São as práticas encontradas em suas biografias que são retomadas atualmente. Neste sentido, não nos cabe utilizar estas narrativas biográficas para evidenciar os modos que Foucault foi narrado e sim identificar alguns acontecimentos que fogem a composição linear de uma narrativa.

Para posicionar as biografias de Foucault como problema, utilizamos uma divisão de dois capítulos. No primeiro capítulo partimos de acontecimentos recentes envolvendo os arquivos de Michel Foucault na França e no Brasil, entendendo que as situações envolveram disputas discursivas, utilizando-se de características biográficas sobre o filósofo. No segundo capítulo, focamos em identificar as fugas utilizadas por Foucault para desprender-se de seu nome, para isso investigamos episódios que o utilizou-se de pseudônimos e também do anonimato.

Assim, a partir dos fragmentos podemos percorrer a biografia de Foucault, seguindo suas tentativas de fuga das características que constroem as narrativas biográficas, como o nome e o corpo. Neste sentido, a biografia que possui como objetivo aspectos envolvendo o uso de máscaras e as tentativas de multiplicidade do biografado pode ser uma alternativa para pensar-se em novos modos de narrar uma vida.

CAPÍTULO 1: FOUCAULT VIVE AQUI

Com a morte de Michel Foucault, em 1984⁴, parte de sua herança que inclui arquivo pessoal e direitos autorais ficaram sob posse de seu companheiro, Daniel Defert. No ano de 2012 com problemas de saúde⁵, Defert resolveu vender o arquivo de Foucault e chegou a iniciar acordos com algumas instituições dos Estados Unidos da América. No entanto, no dia 28 de março de 2012, a pedido da Secretaria de Cultura e Comunicação da França, em publicação no diário oficial⁶, o governo francês proibiu a exportação dos documentos. A decisão do governo francês foi realizada com o objetivo de proibir a venda do acervo que conta com trinta e sete mil páginas. Um mês depois do ocorrido eles foram considerados “tesouro nacional”, através de outro decreto:

Considérant que les biens pour lesquels le certificat d'exportation est demandé représentent un ensemble exceptionnel d'archives provenant de Michel Foucault (1926-1984), un des plus grands philosophes français du xxe siècle, dont les idées ont connu une importante reconnaissance internationale et ont influencé diverses disciplines académiques [...] qu'il apparaît capital de maintenir sur le territoire un tel ensemble, unique pour la compréhension et l'étude de l'œuvre de Michel Foucault, qui permet d'appréhender le processus d'élaboration de sa pensée et présente un panorama complet des activités intellectuelles poursuivies par le philosophe et de leur évolution⁷ (FRANCE, 2012b).

Michel Foucault nasceu em 1926 em Poitiers, na França, viajou e viveu por diversos países, criando e recriando movimentos em seu pensamento, dispendo de inúmeras experiências culturais distintas. Reconhecendo seus aspectos viajantes, poderíamos considerar uma atitude autoritária e arbitrária do governo francês, manter

⁴ Foucault faleceu das complicações imunológicas desenvolvidas pelo vírus do HIV.

⁵ Daniel Defert sofre de problemas cardíacos. Ver mais em: <<https://www.publico.pt/2012/05/07/culturaipilon/noticia/arquivos-de-michel-foucault-com-destino-incerto-1545072>>. Acesso em: 04/09/2019.

⁶ FRANÇA, 2012a. disponível em: <https://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?sessionId=46868DFE4F21F9C249982FA583BB69BD.tplgf_r33s_3?cidTexte=JORFTEXT000025688190&dateTexte=&oldAction=rechJO&categorieLien=id&idJO=JORFCONT000025687384>. Acesso em: 04/09/2019.

⁷ A tradução foi realizada sobre minha orientação: “Considerando que as mercadorias para as quais se solicita o certificado de exportação representam um excepcional conjunto de arquivos de Michel Foucault (1926-1984), um dos maiores filósofos franceses do século XX, cujas ideias gozaram de significativo reconhecimento internacional e influenciaram várias disciplinas acadêmicas [...] que me parece imprescindível manter no território um tal conjunto, único para a compreensão e o estudo da obra de Michel Foucault, que permite apreender o processo de elaboração de seu pensamento e apresenta um panorama completo das atividades intelectuais exercidas pelo filósofo e seu desenvolvimento” (FRANÇA, 2012b).

os documentos sobre cárcere em seu território? Ou estariam apenas reconhecendo o valor intelectual do material para a França?

O interesse pelo acervo não poderia ser diferente, uma vez que Foucault é considerado um dos pensadores franceses mais influentes do século XX⁸, por isso, o governo francês acredita que é de extrema relevância manter os documentos em seu território, pois se trata de um conjunto único, ou seja, um patrimônio nacional (FRANCE, 2012b). No passado, o governo utilizou-se da mesma estratégia de transformar os arquivos em tesouro nacional, como alternativa para evitar que esses materiais saíssem do país, “[...] em 2009, o Estado francês chegou a evitar o traslado dos arquivos do escritor e filósofo [...], Guy Debord (1931-1994), a uma universidade americana, catalogando-os como Tesouro Nacional” (VEJA, 2012), que em seguida teve seus documentos adquirido pela Biblioteca Nacional Francesa (BNF).

Com a decisão de que os arquivos deveriam permanecer na França, mesmo se Daniel Defert recusasse o valor da avaliação, “[...] o Estado pode novamente recusar a exportação dos documentos, ficando a sua eventual venda restrita ao território francês” (PÚBLICO, 2012). Em 2012 o Jornal Público⁹ manifestou o interesse da BNF em adquirir o arquivo de Foucault, assim como o Instituto Memória da Edição Contemporânea (IMEC).

O IMEC abrigou, em 1998, materiais que foram transferidos da Biblioteca Saulchoir. O material havia sido organizado pela Associação do Centro Michel Foucault, composta por amigos de Foucault e também por seu companheiro Defert. O projeto reuniu entrevistas, textos e artigos que foram transformados nos primeiros quatro volumes do *Dits et Écrits* (1994). Na visão do jornalista do Público, o IMEC seria a opção preferida do herdeiro para o destino final do material.

No entanto, em 2013, a BNF que já possuía duas versões da *História da Sexualidade* e uma primeira versão de *A Arqueologia do Saber* — ambas doadas por Defert, comprou o arquivo. Anteriormente à realização da compra, Bruno Racine,

⁸ Segundo a Veja (2012) Michel Foucault é um dos intelectuais mais citados do mundo. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/arquivos-do-filosofo-michel-foucault-catalogados-como-tesouro-nacional/>>. Acesso em: 16/08/2020.

⁹ As informações sobre a relação da venda do acervo de Michel Foucault entre a Biblioteca Nacional Francesa (BNF) e o Instituto Memória da Edição Contemporânea (IMEC) foram retiradas do jornal Público (2012). Disponível em: <<https://www.publico.pt/2012/05/07/culturaipilon/noticia/arquivos-de-michel-foucault-com-destino-incerto-1545072>>. Acesso em: 15/08/2020.

diretor da BNF, manifestou-se sobre o interesse de possuir o material em seu prédio. Para isso expressou-se através das memórias de Foucault, destacando uma das práticas do intelectual, passar horas vasculhando o arquivo e recorda

[...] que "se há autor que tenha lugar na BNF, ele é certamente Michel Foucault". O filósofo, diz, "passava os dias" na BNF "a preencher essas mesmas fichas de leitura que agora integram o seu arquivo", e chegou mesmo a conceber a possibilidade de se tornar director da BNF (PÚBLICO, 2012).

O interesse pelos documentos do intelectual foram demonstrados de ambos os lados, o arquivo que antes estava sendo negociado com universidades dos Estados Unidos permaneceu na França, pelo equivalente a 3,8 milhões de Euros¹⁰. Podemos considerar, que o retorno econômico que esse material traz ao país são representativos, principalmente com as publicações póstumas¹¹, como é o caso de *Les aveux de la chair* (2018), lançado recentemente pela editora Gallimard.

O ano de 2012 foi destaque para os arquivos de Foucault na imprensa de diversos países e no Brasil não foi diferente. A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em parceria com o Consulado da França em São Paulo, recebeu uma série de áudios de alguns cursos ministrados no *Collège de France* de 1974 a 1984, tornando-se a primeira instituição fora do território europeu a possuir acervo do filósofo.

A chegada dos áudios ocorreu com entusiasmo por grupos de pesquisa, docentes e discentes da instituição. A reportagem realizada pelo Canal Puc (2012)¹² relatou os pontos positivos da chegada do arquivo na universidade, especialmente a criação da cátedra sobre o intelectual. Naquele momento não era possível prever que a criação da Cátedra envolveria novamente aspectos memorialísticos, mas desta vez, em forma de veto. Foi no dia 30 de julho de 2014 que o Conselho Universitário (CONSUN) da PUC-SP aprovou a criação da cátedra, denominada “Michel Foucault e

¹⁰ Sobre a venda do arquivo, ver mais em: <https://www.lemonde.fr/culture/article/2012/12/20/archives-a-vendre-ou-a-laisser_1809068_3246.html>. Acesso em: 14/09/2020.

¹¹ Michel Foucault deixou uma carta proibindo a publicação de qualquer obra póstuma, mas após a venda do arquivo a obra foi autorizada pela família do intelectual para publicação. Ver mais em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/livro-inacabado-de-michel-foucault-publicado-na-franca-22383143>>. Acesso em: 14/09/2020.

¹² O canal está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fCGOFloxVwE&feature=emb_title>. Acesso em: 14/09/2020.

a filosofia do presente”.

Foi durante o *VII Colóquio Internacional Michel Foucault*, que ocorreu em outubro de 2011 na PUC-SP, a edição cujo tema foi *O Mesmo e o Outro. 50 Anos de História da Loucura*, que se iniciaram as conversas sobre a vinda dos áudios para a instituição. A proposta ganhou uma dimensão maior e o diálogo entre professores do *Collège de France* e docentes do Grupo de Pesquisas Michel Foucault obteve apoiadores.

Na ocasião, professores representantes da École Normale Supérieure de Paris, da Universidade de Lisboa, da Universidad Complutense de Madrid, do Collège International de Philosophie, da Université de Bordeaux, da Université Paris VIII, da Universidad de Los Andes, da Universidad de Valparaiso e da Universidad San Martin assinaram um documento solicitando que a PUC-SP sediasse a Cátedra “Michel Foucault e a filosofia do presente”, uma instância para proposição, realização e internacionalização de estudos sobre o pensamento do filósofo francês, bem como sobre pensadores cuja reflexão é consonante com suas pesquisas (GRUPO DE PESQUISAS MICHEL FOUCAULT, 2015).

O convite para a vinda de Michel Foucault ao Brasil pela primeira vez ocorreu no dia 4 de maio de 1965, pelo diretor do departamento de filosofia Livio Teixeira, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL)¹³ da Universidade de São Paulo (USP) onde iria realizar conferências em outubro do mesmo ano. A troca de cartas envolvendo a vinda de Foucault ao Brasil pode ser encontrada, anexada, em *Michel Foucault na Universidade de São Paulo* (2017), de Ricardo Parro e Anderson Lima da Silva. A carta do consulado francês em resposta ao chefe do Departamento de Filosofia, José Giannotti, ocorreu no dia 11 de maio de 1966. Na ocasião o Consulado solicitou uma confirmação do pagamento das despesas de Foucault durante sua estadia no país.

Anteriormente à vinda de Foucault, outros intelectuais já haviam passado pela USP onde “[...] o intercâmbio cultural com a França ali frutificava desde a década de 1930” (RODRIGUES, 2010, p.187). Para compor o quadro de professores do FFCL “[...] foram convidados professores europeus; no caso da Filosofia, franceses” (RIBEIRO, 2005, p. 461). As aulas, deste modo, seguiam um modelo de aula francês, até mesmo a utilização do idioma francês em sala, pois

[...] o departamento de filosofia da USP teve professores franceses, pagos pelo menos em parte pelo governo da França e que ministravam parte pelo menos de

¹³ Atualmente o espaço é denominado como Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Mais informações em: <<https://www.ffiich.usp.br/>>. Acesso em: 24/11/2019.

seus cursos em sua língua nativa, isso na graduação. Entre eles, estiveram nomes de destaque, como Gilles-Gaston Granger, Claude Lefort e Gérard Lebrun, este último o mais presente na história da USP, porque nela lecionou, intermitentemente, dos anos 60 aos 90 (RIBEIRO, 2005, p. 461).

Foi o filósofo Gérard Lebrun quem propôs ao departamento convidar Michel Foucault para realizar conferências na USP. José Arthur Giannotti recorda que “[...] Lebrun disse, “por que não trazemos Foucault?” E propusemos ao Foucault que ele viesse. Ele topou” (PARRO; DA SILVA, 2017, p. 306). A sugestão de Lebrun explica-se pelo fato de que Foucault foi seu professor e colega, havendo assim uma proximidade entre os dois intelectuais. O filósofo Victor Knoll que fazia parte do quadro docente de filosofia da USP, recorda a ocasião da chegada do filósofo ao país,

a vinda dele foi promovida por [Gérard] Lebrun, que fora seu aluno na França e depois passou a manter relação bastante próxima com ele. Lebrun já estava entre nós — no Departamento de Filosofia — desde 1960, graças ao programa que o governo francês mantinha desde a fundação da Faculdade de Filosofia, em 1934. Trata-se do mesmo programa pelo qual vieram [Claude] Lévi-Strauss, [Roger] Bastide e outros (PARRO; DA SILVA, 2017, p. 206).

Na ocasião de sua viagem, Michel Foucault era praticamente um desconhecido entre os estudantes e muitos docentes. Segundo Paulo Eduardo Arantes, aluno do curso de filosofia na época, seu orientador e também professor da disciplina que ofertaria as conferências, Bento Prado, havia lhe contado da visita de “[...] Michel Foucault, que não era “Michel Foucault”, era nobody. Ninguém sabia de sua existência, nem no Departamento... nada!” (PARRO; DA SILVA, 2017, p. 209-210). O fato do departamento ter aceitado a vinda de um quase desconhecido pode ser entendido a partir do “[...] prestígio de que então gozava Gerard Lebrun, que viera em 1960 para substituir Granger, [o que] é bastante revelador da permanência da valorização da cultura francesa” (RODRIGUES, 2010, p.188).

Quando Foucault chegou foi um espanto geral, sobretudo por ser convidado de Lebrun. Mesmo sendo pouco conhecido no país, sua chegada deixou todo o departamento na expectativa, pois se tratava de mais uma figura francesa expondo suas idéias no curso de filosofia. A presença de Foucault no país, pela primeira vez, é recordada com entusiasmo por Arantes, que conta

aí chegou o homem, terno e gravata, e careca daquele jeito, e dente de ouro: parecia personagem do Nelson Rodrigues (risos). O que é isso? Quem é esse cara? (risos) Então começa a primeira aula. Ninguém tinha a menor ideia, pouquíssimos sabiam quem ele era, do que ele era capaz, sabíamos que era um historiador, historiador das ideias, filósofo de formação, e... ponto. Ninguém

tinha muita ideia. E ele começou a falar sobre pensamento renascentista, sobre Aldrovandi. Ninguém sabia quem era Aldrovandi, exceto pela Maria Beatriz. Mas a fluência dele... Não sei se você já viu vídeos dele. Era um negócio impressionante, já naquela época. Todo mundo de olho arregalado. (PARRO; DA SILVA, 2017 p. 209-210).

Logo nas primeiras aulas de Foucault alguns professores deixaram o local, principalmente por não concordarem com o tipo de abordagem elaborada ali. Foucault possuía uma certa facilidade de causar incômodo por onde passava, suas temáticas causavam alvoroço, “[...] um grupo de professores, que estavam ligados ao grupo de leitura do Capital — Fernando Novais, Giannotti —, eles saíram da sala do curso, acho que depois da terceira aula [...]” (PARRO; DA SILVA, 2017, p. 207-208). Em relato, Marilena Chauí recorda a reação do professor Fernando Novais, que disse:

Mas esse sujeito é louco, esse sujeito é completamente louco. Não tem história no mundo dele. O mundo dele não tem tempo e não tem história. Como é que ele pode trabalhar com período de ideias desconsiderando inteiramente a história? E foi um deus nos acuda, porque todo mundo estava acostumado a trabalhar com a continuidade histórica, para o bem ou para o mal. Mas você trabalhava com o contínuo temporal. Por isso, foi realmente uma revolução conceitual que foi provocada, com reações as mais variadas do nosso corpo docente (PARRO; DA SILVA, 2017, p. 207-208).

O tema abordado por Michel Foucault em sua conferência era desconhecido, mas depois “[...] viria a aparecer no ano seguinte na forma de livro, *Les mots et les choses*. Foi uma coisa absolutamente fantástica, ele levou um mês com aulas diárias, toda tarde, das duas às cinco da tarde todos os dias” (PARRO; DA SILVA, 2017, p. 207-208). A obra também seria alvo de críticas na França, essencialmente por ele abordar a questão da descontinuidade¹⁴ dos saberes. Para Chauí, “[...] o primeiro choque que o Foucault causou, entre nós, e que depois seria o choque que ele causaria na Europa, foi a descontinuidade” (PARRO; DA SILVA, 2017, p. 207-208). Mas os incômodos dentro da USP não seriam causados somente pelo intelectual.

Na ocasião, “a turnê de conferências prevista é interrompida pelos golpes de força que, de uma semana para outra, fortalecem a posse dos marechais e que, em breve, irão caçar seus amigos de suas funções ou exilá-los” (DEFERT, 1999, p.18). Vale ressaltar que

¹⁴ Sobre o conceito de descontinuidade, ver mais em: CASTRO (2009).

todas as viagens de Foucault ao Brasil¹⁵ ocorreram durante a ditadura civil-militar. Após sua primeira visita, Foucault demorou sete anos para retornar ao Brasil

Em sua segunda viagem os destinos foram: Minas Gerais, Amazonas e Rio de Janeiro. Em Belo Horizonte ele realizou palestras em hospitais psiquiátricos, onde de forma despojada “abandona a cátedra para sentar-se no chão junto aos estudantes e, ao invés de falar, ouvir experiências das casas dos loucos mineiras” (RODRIGUES, 2011, p.101). A passagem pelas cidades de Manaus e Belém guardaram grande lembrança no intelectual. Seu entusiasmo pelo país foi notado desde a primeira visita, quando afirmou que talvez somente no Brasil e na Tunísia havia encontrado estudantes tão ávidos em saber (DEFERT, 1999), sendo a partir desta segunda presença no país que manteve uma regularidade, visitando-o nos três anos seguintes.

Na sua terceira viagem ao Brasil, em 1974, retorna ao Rio de Janeiro e realiza seminários sobre “Urbanização e saúde pública” e “Genealogia da psicanálise no seio das práticas da psiquiatria do século XIX”, realizando seis conferências sobre psicologia no século XIX no curso de medicina social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (DEFERT, 1999). Com isso, Foucault

[...] abala a dicotomia, até então praticamente inquestionada pela esquerda, entre uma medicina curativo-individual-capitalista-reacionária e uma medicina preventiva-social-libertária-socialista, além de criar as condições para que nossos primeiros trabalhos historiográficos sob a “marca da pantera” provenham não de historiadores, mas de filósofos, médicos e profissionais “psi” (RODRIGUES, 2011, p. 101).

Mas sua viagem mais marcante ainda estava para acontecer. Até o momento sua presença não havia chamado atenção da ditadura. Foi em sua viagem de 1975 que Foucault “[...] teve a impressão de ser constantemente seguido” (DEFERT, 1999, p.43). Voltando à USP depois de dez anos, novamente não consegue concluir suas atividades no espaço. Pois “no dia 23 de outubro de 1975 realizou-se uma assembleia na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo” (MIZOGUCHI, 2018, p. 360). Foucault participa do encontro dos estudantes, pois “[...] o avanço da linha (mais) dura do regime sobre pessoas suspeitas de ligações com o Partido Comunista conduz Foucault [...] à assembleia estudantil da USP” (RODRIGUES, 2012, p.142). Na ocasião, pela primeira vez, Foucault iria se posicionar sobre os

¹⁵ Michel Foucault esteve no Brasil em cinco ocasiões distintas: 1965, 1973, 1974, 1975 e 1976. Ver mais em: Rodrigues (2011); (2012); (2019); Defert (1999).

acontecimentos. Para Marcelo Hoffmann (2019) isso se deu por dois motivos, que caminham juntos: a repressão mais intensa do Governo de Geisel e também o posicionamento estudantil na luta contra a repressão. Os estudantes também solicitaram o cancelamento do curso. Assim, Foucault discursou entre os estudantes:

Muitas dezenas de estudantes e professores da USP foram recentemente presos. Talvez sejam torturados – se é que já não o estão sendo neste momento. Suas vidas estão ameaçadas. Uma universidade que não é plenamente livre não passa de uma empresa de servilidade. Não dá para lecionar sob o tacão das botas; não dá para falar diante dos muros das prisões; não dá para estudar quando as armas ameaçam. A liberdade de expressão e de pesquisa são sinais de garantia da liberdade dos povos. Na defesa dos direitos, na luta contra as torturas e a infâmia da polícia, as lutas dos trabalhadores intelectuais se unem à dos trabalhadores manuais. A Universidade de São Paulo sabe que sua luta de hoje relaciona-se à luta pela liberdade em todos os países do mundo. Presto minhas homenagens à sua coragem e me associo de bom grado às decisões que vocês possam tomar para conseguir que a justiça aqui não seja uma palavra ultrajada (FOUCAULT, 1975).

A assembleia e a greve na USP levaram Foucault a manifestar-se, e com a morte do jornalista Vladimir Herzog, acabou cancelando definitivamente suas atividades. Hoje sabemos que suas suspeitas eram verdadeiras, pois há o dossiê de documentos demonstrando que ele estava sendo vigiado pelo Serviço Nacional de Informações (SNI), “[...] antes mesmo de seu envolvimento nos protestos pelo assassinato de Vladimir Herzog” (RODRIGUES, 2012, p. 151). Seu discurso também consta no documento oficial (BRASIL, 1975, p. 5) junto com algumas informações sobre a influência de Marilena Chauí em seu pronunciamento. Para os agentes do SNI, Foucault

foi “manobrado” a tomar posição contra o governo, na assembléia do dia 23/10, na FAU pelos docentes do Departamento de Filosofia da F.F.L.C.H.-USP, Maria Sylvia de Carvalho Franco Moreira e Marilena Chauí Tosta Berlinck, conhecidas pela atuação esquerdista dentro da Faculdade. Constata-se pelo teor do comunicado do Prof. Foucault que é um documento redigido por aqueles docentes, pois o nominado não escreve corretamente a língua portuguesa (BRASIL, 1975, p. 5).

A filósofa, Marilena Chauí é acusada de induzir e escrever o pronunciamento de Foucault em relação às atrocidades do governo. Compreendemos que o intelectual provavelmente não leria o discurso de outra pessoa e podemos perceber isso quando, “[...] ao chegar lá, Foucault pediu papel, sentou-se em um banco e escreveu uma declaração” (HOFFMAN, 2019, p.317). O silêncio de Foucault em outros momentos,

não pode ser considerado como uma ausência de luta por parte do intelectual, pois suas aulas e suas presenças no Brasil apresentaram muitas possibilidades de pesquisa e modos de pensar o período. Foucault buscou não ser imprudente e prejudicar outras pessoas, a partir de seus atos. Mas a mobilização estudantil possibilitou, em alguma medida, uma esfera de luta maior e um panorama das condições da ditadura. Essa organização ajudou Foucault a entender a situação e assim poder posicionar-se, como fez em outros locais de repressão (HOFFMAN, 2019).

No dia 24/10/1975 a Folha de São Paulo informou que o professor Michel Foucault fez um pronunciamento de apoio aos estudantes durante a assembleia e que pretendia suspender suas atividades. Enquanto o SNI se aproximava dos passos de Foucault, a grande mídia distanciava-se. Porém, “ao longo dessa temporada, destacam-se contatos com a imprensa alternativa” (RODRIGUES, 2012, p.143). Compreendemos que o contato de Foucault com veículos de mídia marginalizados pode ser uma forma de luta do filósofo, pois seu contato acaba colocando em destaque essa imprensa, uma vez que ele era uma figura popularmente conhecida naquele período.

No ano seguinte, voltou ao Brasil de forma discreta, e “[...] contorna os chamados ‘grandes centros’ — a viagem de 1976 prevê conferências unicamente em Salvador, Recife e Belém” (RODRIGUES; DIAS, 2019, p. 333). Assim a imprensa “nânica” se dedica a noticiar a presença de Foucault no Brasil, enquanto que os grandes veículos de mídia, destaca humoristicamente, segundo Rodrigues e Dias (2019) que: “envolto num proposital anonimato, o ‘*maître à faire*’ Michel Foucault desembarca dias atrás em Salvador, na Bahia. E por lá continua, despreocupado, sem explicar os motivos reais (se é que existem) desta sua nova incursão ao Brasil” (MORAES, 1976, p. 33).

Podemos considerar que Foucault optou por retornar ao Brasil de forma discreta, pois anteriormente se sentiu perseguido. Se em 1975 Foucault era considerado quase um anônimo no território brasileiro, a situação já havia mudado antes da chegada dos áudios em 2012. Para o conselho superior da PUC e também para alguns jornalistas, a vida de Foucault não pareceu tão desinteressante. Depois da chegada dos áudios “o processo de criação da cátedra seguiu todas as instâncias protocolares dentro da PUC-SP e tramitou no CONSUN, tendo sido aprovado por unanimidade e com louvor” (GRUPO DE PESQUISAS MICHEL FOUCAULT, 2015).

Após cerca de quatro anos de conversas e discussões, no dia 19 de dezembro de 2014 o conselho superior composto por sete bispos, pelo cardeal Dom Odilo Pedro Scherer e pela reitora, Prof^a Dr^a Anna Maria Marques Cintra, vetou a criação da cátedra “Michel Foucault e a filosofia do presente”. O jornal GGN (2015) apresenta os motivos do conselho que “[...] por sete votos a favor e uma abstenção, [vetou] a criação da Cátedra, sob a justificativa de que a mesma não coadunaria com os princípios católicos que regem a PUC-SP”. Nesse mesmo sentido, Nunes em coluna na Folha de São Paulo (2015) também noticiou que o conselho utilizou-se do “[...] argumento de que esse tipo de instituto é uma homenagem e deve ser dedicado a personalidades que tenham afinidade com o pensamento católico, o que não é o caso de Foucault, célebre crítico da igreja” (NUNES, 2015), desconsiderando qualquer outra cátedra criada pela mesma instituição para outras figuras que também foram célebres críticos da igreja, tais como Galileu Galilei (1564-1642).

Os professores do Grupo de pesquisa Michel Foucault, que iniciaram o processo de criação da cátedra, não esperavam tal decisão do conselho superior da Fundação São Paulo e pedem revisão. Em reunião no dia 13 de abril de 2015, o conselho votou e decidiu não incluir o pedido de revisão como pauta, excluindo qualquer possibilidade de criação da cátedra. Por ser a primeira universidade fora do continente europeu a possuir um arquivo do filósofo, a cátedra traria muitos recursos para PUC/SP, como a internacionalização da instituição que passaria a receber intelectuais de várias partes do mundo e com isso aumentaria a elaboração de trabalhos a partir do uso do arquivo.

Em resposta ao veto do conselho superior, os apoiadores se manifestaram de forma muito incisiva, ganhando apoio internacional para lutar contra a decisão do órgão. O professor Pedro Dotto na entrevista ao *blog* Colunas Tortas (2015) conta que “[...] várias mobilizações ocorrem na PUC. Na semana passada, o artista plástico Cabral fez uma pintura em frente à reitoria [...]”¹⁶. Os eventos contaram com a presença de personagens políticos, como Marta Suplicy, que foi manchete na coluna de Felipe Souza na Folha de São Paulo (2015). A divulgação dos atos ocorreu através da página do Facebook¹⁷, criada pelo Grupo de Pesquisa em Michel Foucault da PUC-SP, para

¹⁶ O desenho foi publicado no jornal *Folha de São Paulo* (2015). Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/05/1633391-marta-participa-de-protesto-para-manter-catedra-de-foucault-na-puc.shtml>>.

¹⁷ Acesso em: <<https://www.facebook.com/emdefesadacatedra/>>.

defender a criação da cátedra.

Em artigo publicado na *Folha de São Paulo* (12/05/2015a) o então professor de filosofia da PUC, Vladimir Safatle lembra que “por ironia do destino, e isto diz muito sobre o Brasil atual, a mesma PUC-SP foi, nos anos setenta e oitenta, uma das instituições responsáveis pela introdução do pensamento de Foucault e outros filósofos franceses entre nós”, denunciando um suposto “obscurantismo” da instituição, que não respeita a autonomia universitária.

Por isto, o conteúdo de ensino de uma universidade deve estar livre dos limites impostos pelos interesses de igreja, mercado, Estado ou de qualquer outro poder político. Se a PUC quer seguir tal caminho obscurantista, então ela deve assumir as consequências de sua escolha e abrir mão de sua creditação como universidade (SAFATLE, 2015a).

Em resposta ao artigo de Safatle, o sociólogo e coordenador do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP, Francisco Borba Ribeiro Neto apoiou a decisão do Conselho Superior da Fundação São Paulo. Para defendê-la, ele argumenta que as medidas tomadas por “esse conselho, agindo dentro de suas atribuições, entende que as cátedras sejam nomeadas e dedicadas a personalidades que tenham afinidade com o pensamento católico. Foucault não se encaixa e nem gostaria de se encaixar nesse perfil” (NETO, 02/06/2015). Baseia-se na decisão de que a criação da cátedra é uma homenagem e ressalta que Foucault “[...] sempre foi crítico e até agressivo à Igreja, mas ainda assim manter o seu estudo e a sua memória viva é sinal de abertura e diálogo, não de obscurantismo” (NETO, 2015).

A professora Salma Tannus Muchail, em carta publicada na *Folha de São Paulo* (2015) relata que a função da cátedra é acadêmica e não somente honorífica, estando assim, relacionada com finalidades acadêmicas e de ampliação da pesquisa e também a internacionalização da instituição. Desse modo, a afirmação de Neto, de que se trata apenas de uma questão de identidade, como enuncia o título de seu artigo “Identidade ou obscurantismo?” é vista de outro modo por Muchail que pauta os motivos da excelência acadêmica e destaca que

A grande repercussão pública deste veto, de um lado, indica a relevância científica e intelectual da Cátedra. Dentre as numerosas manifestações de apoio à sua criação, destaca-se, por exemplo, uma petição internacional que já conta com quatro mil assinaturas, reunindo signatários de quarenta e nove países. De outro lado- e principalmente - a repercussão é reveladora do arbitrarismo e do poder abusivo que sustenta aquele gesto de censura. Temor pela censura? Por que não? Afinal, não há critério justo nem bases razoáveis

para a censura, qualquer que seja (MUCHAIL, 03/06/2015).

Safatle também responde a crítica e publica outro artigo defendendo sua proposta “obscurantismo, sim!” (SAFATLE, 2015b) e afirma, como Muchail, que “qualquer universitário no mundo inteiro sabe que uma cátedra é um instrumento academicamente importante de fortalecimento de pesquisa, visibilidade e intercâmbio” (SAFATLE,2015b) e completa:

Se a PUC quer agir como um seminário católico, então ela deve abrir mão de seu credenciamento como universidade e se contentar em ser um seminário católico. [...] As áreas de filosofia e teologia são ligadas nas agências federais de fomento. Por esta razão, é de se esperar que os responsáveis pela área de teologia se manifestem contra tal ataque ao ensino de filosofia. Do contrário, não sei por que nos colocaram juntos (SAFATLE, 2015b).

Em sua coluna, Luiz Felipe Pondé (2015) sai em defesa do veto da cátedra e apresenta o que Jeanne Marie Gagnebin (2015) chama de “[...] oposições falaciosas e falsas informações.” Pondé (2015) argumenta que “Cátedras são instrumentos de poder na universidade. Uma cátedra significa a difusão de uma visão de mundo. E de verbas, claro”, e relaciona a cátedra a um grupo restrito com ideologias marcadas, falando de uma espécie de “bullying intelectual”. Porém, suas afirmações foram facilmente rebatidas por Gagnebin (2015), que destaca o quanto o colunista estava desinformado em relação à criação da cátedra:

Não foram alguns professores esquerdistas que propuseram a cátedra, mas sim colegas da América Latina e da França, com o apoio do Consulado francês, impressionados pela qualidade dos trabalhos apresentados em 2011 no VII colóquio Foucault. A Cátedra visa o intercâmbio (geralmente no quadro de fundações como a Fapesp) e não acarreta gasto para a PUC.

A situação acabou tomando uma dimensão de disputa entre os apoiadores e os opositores à criação da cátedra. Foi assim que houve uma resposta mais precisa do conselho, quando a professora da USP, Marilena Chauí, redigiu uma carta aberta ao Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer. Mesmo não sendo professora da instituição, ela apresenta a autonomia universitária como ponto principal em discurso, destacando como a universidade era exemplo durante a ditadura civil-militar e lembra que a PUC-SP

afrontou o Estado abrigando a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), proibida por esses mesmos governos; abriu suas portas para grupos de pesquisa nas mais variadas áreas do saber, sem jamais questionar os princípios teóricos e práticos que os orientavam; defendeu seus estudantes quando, em luta pela democracia, foram

violentamente agredidos pelas forças policiais; recebeu movimentos sociais e populares de lutas por direitos, integrando a universidade às aspirações sociais e políticas dos excluídos e espoliados; ampliou suas publicações sem nunca exigir dos autores credenciais confessionais, mas exclusivamente a qualidade acadêmica de seus trabalhos [...] (CHAUI, 2015).

A filósofa que no passado fora acusada pela ditadura de “manobrar” o filósofo, desta vez sairia em defesa da cátedra e da liberdade de pesquisa, denunciando que a “[...] universidade nega sua história [...]” (CHAUI, 2015) e relacionando a decisão como um gesto de censura e intolerância,

Alegou-se divergência de pensamento. Ora, desde quando filosofia e ciência se definem pela unanimidade e pelo consenso? Entre os grandes pensadores do Século XX, Michel Foucault pautou-se, em sua vida e em seu pensamento, pela ousadia de conceber o novo, polemizando contra a inércia e a auto-satisfação das idéias recebidas e repetidas, divergindo dos saberes instituídos e combatendo normas, regras e valores por eles sustentadas. Divergir de Foucault? Ninguém mais do que ele aplaudiria a divergência e a consideraria bem vinda, momento em que um pensamento e uma ação novos, no contato recíproco e benfazejo com seus opostos, podem colher os frutos de um combate generoso e criador (CHAUI, 2015).

A carta fora lida durante um circuito de mesas sobre o intelectual, que ocorreu na PUC-SP como alternativa de divulgar as ideias do filósofo e tentar resgatar a criação da cátedra. Além disso foi divulgada amplamente nas redes sociais, chegando deste modo à figura de Dom Odilo, que respondeu a professora do mesmo modo, com uma carta aberta, publicada pela instituição PUC-SP¹⁸.

O Cardeal inicia a carta em tom amistoso agradecendo os pontos positivos da instituição PUC apresentados por Chauí, destacando que a decisão do veto ocorreu de forma unânime, sempre se referindo ao Conselho Superior como instância mantenedora da instituição, ou seja, destacando seu poder frente às decisões da universidade, ao mesmo tempo em que ressalta que a decisão não se trata de uma censura, arbitrariedade ou proibição. Relata ainda que “quando se trata de tomar decisões, alguém precisa tomá-las, mesmo quando elas não agradam a todos” (SCHERER, 2015).

A partir desse tom de superioridade presente na carta, questiona o modo como as informações chegaram à mídia e insiste que “A informação correta sobre os fatos é absolutamente indispensável para não nos debatermos num mundo de fantasias ou

¹⁸ SCHERER, Odilo Pedro. “Carta aberta à Marilena Chauí”. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/aci/2015_06_26_carta_aberta_a_prof.a_marilena_chauí_.pdf>. Acesso em: 15/03/2019.

construções intelectuais arbitrárias, que também podem ser injustas” (SCHERER, 2015). Acrescenta em tom questionador que

[...] o próprio Foucault ficaria perplexo diante da celeuma criada em torno da pretendida Cátedra em sua honra, na PUC-SP. Se é verdade que ele foi um baluarte na luta contra “verdades cristalizadas”, por certo não se importaria se alguém discordasse também dele. Será que ele negaria aos responsáveis pela decisão da Mantenedora da PUC-SP o direito de terem um pensamento próprio e de serem coerentes, em suas decisões, com as convicções que esposam? Provavelmente não (SCHERER, 2015).

Mas qual seria o pensamento próprio do Conselho, quando diz que “A PUC-SP, como todas as Universidades, têm o direito de possuir a própria identidade” (SCHERER, 2015). Estaria essa identidade apoiada em quais aspectos? Para Marcelo Coelho, em texto publicado no jornal Folha de São Paulo, em 17/06/15, buscava com o veto uma preservação da “identidade religiosa da instituição”. Ainda sobre o assunto Dotto (2015) vai além e diz que

[...] Foucault está envolto em uma série de questões polêmicas como a morte do homem, no fim de A Palavra e as Coisas, o que gera problemas. Mas extravasando o nível do texto e indo ao encontro com a pessoa Foucault, a coisa muda: ele era homossexual assumido, morreu de AIDS, foi militante ligado às lutas da esquerda, fez um grupo de informações sobre a prisão na França para tentar ver o que era a caixa preta do sistema prisional francês, defendeu os refugiados políticos de esquerda — Foucault teve uma vida dedicada à luta. Ele era tido como um anormal pelos padrões da igreja mais ortodoxa.

No mesmo sentido se pronunciou Marcelo Hailer, em *Viada e Subversiva: Michel Foucault ainda incomoda muita gente*, publicado na revista Fórum em 08/05/15, “[...] falando que não se trata de uma questão de interpretação, mas sim que a própria pessoa Foucault confrontaria a Igreja Católica, a sua figura pública e subversiva” (DOTTO, 2015). Assim, o ponto em questão não seria apenas as críticas de Foucault às instituições, mas também um problema com a vida de Foucault, com suas práticas corporais. Para Hailer (2015), o fato de Foucault ser “[...] homossexual, crítico da igreja e uma das primeiras pessoas públicas a morrer de aids na França” é um dos motivos da proibição da cátedra.

Os estudantes também notaram que a situação realmente estava colocando em diálogo os aspectos biográficos do intelectual. Como resposta, discentes da PUC-SP participaram ativamente na luta em prol da criação da cátedra, realizando vigílias e manifestações dentro do campus. Em uma das atividades estavam todos mascarados de

Foucault¹⁹, em uma tentativa de constranger os que votaram e/ou apoiaram a decisão do conselho superior. A presença do rosto do filósofo nas manifestações destaca que o que realmente incomoda ali é o corpo do intelectual. Mas como a vida de alguém que morreu em 1984, possui uma centralidade tão grande em nosso contemporâneo? Foucault estaria realmente passando pelo que Nunes (2015) noticiou da seguinte maneira:

Michel Foucault, gay e anticlerical, será queimado na fogueira da Inquisição na próxima semana. Não será o verdadeiro Foucault, claro, já que o filósofo francês morreu de Aids em 1984. E não será a Inquisição da Idade Média. Mas o boneco que arderá em chamas na frente da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo será o símbolo de uma disputa que opõe líderes da Igreja Católica e pesquisadores [...].

O ato “inquisitorial” dos estudantes é simbólico, destacar um corpo imaginário pode ser considerado uma forma de dizer que Foucault está naquele espaço. Outra situação que buscou dar significado ao seu corpo foi quando colocaram uma placa de modo anônimo no campus da PUC-SP, “o objeto contém o nome e data de nascimento do pensador, com a mensagem - vive aqui” (O TEMPO, 2015). A placa busca demonstrar que Foucault está presente, seu corpo biológico pode estar morto, mas seus corpos estão circulando.

Colocar uma placa anônima diz muito de como Foucault vive na PUC-SP, no Brasil e também em outros espaços. Seu corpo ainda vaga. Não foi necessário saber o rosto, ou os rostos de quem colocou a placa, apenas seu significado, e ele resumiu toda a situação de veto, demonstrou que mesmo sem a criação da cátedra, Michel Foucault está ali, seu corpo está presente.

Quando Racine recorda a presença de Foucault nos arquivos da Biblioteca Nacional Francesa, não estaria ele também buscando criar um corpo do filósofo? Assim como a discussão sobre o veto da cátedra que desembocou na homossexualidade e na morte decorrente da AIDS do intelectual? Não seriam esses traços biográficos de um corpo biológico decomposto? Entendemos assim que a vida de Foucault é uma questão do nosso tempo presente, não exclusivamente seu pensamento.

Essas situações envolvendo o arquivo de Foucault demonstram que muitas vezes o corpo é demarcado pelo nome. Mas, para o filósofo, seu nome nunca foi motivo

¹⁹ As fotografias estão na página “Em defesa da Cátedra Michel Foucault e a Filosofia do presente”. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/emdefesadacatedra/photos/?ref=page_internal>.

para fazer dele uma unidade, para ele seu nome também servia como uma válvula de escape, composta de artimanhas e fugas de sua própria existência. A busca pela multiplicidade e pelo movimento colocam seu nome em muitas possibilidades. Assim, buscaremos identificar as furtividades acerca do nome do intelectual, pois a partir delas podemos obter uma visão biográfica, fragmentada e de brechas de Foucault.

CAPÍTULO 2:

UMA DOENÇA QUE RESSOA: NÃO ME PERGUNTE QUEM SOU

2.1 AS MÁSCARAS DE MICHEL FOUCAULT

Deus não tem unidade, como a terei eu?

(Fernando Pessoa - obra poética)

Em 1980, o jornal *Le Monde* publicou uma entrevista com um intelectual sem nome e sem rosto. Somente uma máscara e um corpo. A entrevista que recebeu o título de “o filósofo mascarado” foi realizada sob a condição de que tudo deveria permanecer em anonimato, sem possibilidades de identificação. Mas quem ousaria não aparecer publicamente em um jornal de grande circulação? De quem é esse corpo? Qual é o seu nome? O que está por trás da máscara?

Paul-Michel Foucault recebeu o nome como uma espécie de continuidade em sua família. Seu avô e seu pai, ambos se chamavam Paul Foucault. Mas Anne Malapert, mãe de Foucault, fez questão de acrescentar um hífen e colocar Michel. O nome parecia ser um símbolo para a família, mas aos poucos, Michel Foucault foi se distanciando dele. Primeiro afastou-se do nome Paul, argumentando para sua mãe que se o mantivesse suas iniciais seriam as mesmas de Pierre Mendès France²⁰. A história contada aos amigos foi diferente. Nesta versão, Foucault conta que odiava o pai na adolescência e não queria mais seu nome (ERIBON, 1990, p. 20).

Michel Foucault era o filósofo mascarado. O *Le monde* queria uma entrevista com Foucault, não queriam aceitar um texto sem um nome, principalmente quando o nome era um fator central para a publicação e venda de periódicos. Mas por fim aceitaram. E após sua morte, a entrevista acabou sendo republicada, com seu nome e rosto revelados. “O segredo foi bem guardado até a morte de M. Foucault. [...] *Le monde* decidiu então, unilateralmente, revelar o verdadeiro nome do filósofo mascarado” (FOUCAULT, 2000, p. 299). Com isso não pôde reivindicar o acordo de manter a entrevista em anonimato. Compreendemos que a publicação póstuma teve o intuito de vender exemplares, pois aqueles que não leram o texto quando foi publicado

²⁰ Foi um político francês que exerceu o cargo de primeiro-ministro da França de 1954 a 1955.

e assinado por um “ninguém”, teriam a oportunidade de criticar Foucault por se utilizar de tal estratégia.

Foucault afastou-se de um de seus nomes e também de todos os seus nomes. Para ele, o nome não era necessário. Em vida, buscou o anonimato em diversas ocasiões, e quando questionado sobre seus motivos de utilizar a estratégia para a realização da entrevista, respondeu:

Por que eu lhe sugeri que utilizássemos o anonimato? Pela nostalgia do tempo em que, sendo de fato desconhecido, o que eu dizia tinha algumas chances de ser ouvido. Com o leitor eventual, a superfície de contato era sem arestas. Os efeitos do livro surgiam em lugares inesperados e delineavam formas nas quais eu não havia pensado. O nome é uma facilidade (FOUCAULT, 2000, p. 299).

Foi a partir de 1970 que Foucault tornou-se uma figura pública, popularmente conhecida. Sua presença em manifestações, por exemplo, começou a ser notada e comentada na imprensa. Seus cursos começaram a ficar lotados, as pessoas precisavam amontoar-se para poder ouvi-lo. Passou também a conceder entrevistas como forma de denunciar espaços repressivos e dar lugar a outras vozes. Mas era o anonimato que buscava. Mesmo utilizando-se da comodidade e destaque de seu nome como forma de denúncia, quando se tratava de conceber ideias e escrever preferia o anonimato. Para Foucault o uso do anonimato é um ato político, como ele mesmo disse:

Se escolhi o anonimato, não é então para criticar esse ou aquele, coisa que nunca faço. É uma maneira de me dirigir mais diretamente ao eventual leitor, o único personagem que me interessa aqui: "Já que você não sabe quem eu sou, você não terá a tentação de procurar os motivos pelos quais digo o que você lê; permita-se dizer a você mesmo simplesmente: é verdadeiro, é falso. Gosto disso ou não gosto daquilo. Um ponto, é tudo (FOUCAULT, 2000, p. 301).

Com isso buscou distanciar-se do lugar central ocupado por pensadores que escrevem e ganham notoriedade por serem conhecidos da mídia. Foucault buscou denunciar a função da mídia na autoria, para ele é necessário “[...] romper com esses efeitos perversos e tentar fazer ouvir uma palavra que não possa ser banalizada em função do nome de quem ela procede” (FOUCAULT, 2000, p. 299). Assim o destaque não deveria partir do lugar midiático, para isso, propõe aos autores o afastamento radical de seus nomes, estabelecendo

[...] uma brincadeira: a do "ano sem nome". Durante um ano, os livros seriam editados sem o nome do autor. Os críticos teriam que se virar com uma produção inteiramente anônima. Mas devo estar sonhando, pois talvez eles

nada tivessem a dizer: então todos os autores esperariam o ano seguinte para publicar seus livros... (FOUCAULT, 2000, p. 301)

Mais do que utilizar-se de máscaras e do anonimato como estratégia para defender a possibilidade de ser múltiplo e poder ignorar o *status* midiático, Foucault buscou exercer uma crítica à função de autoria, ou seja, questionar “[...] como o conceito de autor funcionou nos domínios de saber” (SOUZA, 2011, p. 129). A proposta do “ano sem nome” é uma alternativa para o desaparecimento da função de autoria, reivindicada por Foucault.

Em sua conferência para a Sociedade Francesa de Filosofia no dia 22 de fevereiro de 1969, intitulada *O que é o autor?* (2000), Foucault abordou temas como a morte do autor e as implicações de suas funcionalidades nas obras. Como recorda Alves (2015) “o texto da conferência foi apresentado no ano seguinte nos Estados Unidos, recebendo uma versão em inglês ligeiramente modificada” (p.79). O principal questionamento de Foucault na conferência é: “o que importa quem fala?”. Neste sentido, em uma de suas viagens ao Brasil, um professor da PUC questionou Foucault: “queria que você informasse de que lugar você fala! Entortando de rir, ele respondeu simplesmente: Daqui desta cadeira!” (MACHADO, 2017, p. 50). O tom irônico da resposta de Foucault é somente mais uma das diversas atuações teatrais do intelectual.

O anonimato parece a alternativa de Foucault para a tirania do autor sobre suas obras. Além da entrevista, também abordou a questão da autoria quando reelaborou um novo prefácio para o seu livro *História da Loucura* (1972). Mas não é um prefácio comum,

trata-se de um prefácio bem diferente dos que costumamos encontrar na maioria das vezes, pois a idéia de escrever prefácios já não agrada mais ao filósofo, devido às consequências que estes podem acarretar a uma obra. Na realidade ele desenvolve nesse prefácio uma breve reflexão sobre a função do prefácio, chegando a questionar sua utilidade (SOUZA, 2011, p. 131).

A proposta de Foucault ao escrever o prefácio é questionar a função do prefácio. Foucault observa esse texto inicial da obra como um modo do autor estabelecer sua tirania sobre o livro, pois “[...] é muito tentador legislar sobre todo esse resplandecer de simulacros, prescrever-lhe uma forma, carregá-los com uma identidade, impor-lhes um marca que daria a todos um certo valor” (SOUZA, 2011, p. 131), ou seja, o prefácio é um modo do autor ditar a leitura sobre sua obra. Afinal,

para quem escreve o livro, é grande a tentação de legislar sobre [...] prescrever-lhes uma forma, carregá-los com uma identidade, impor-lhes uma marca que daria a todos um certo valor constante. Sou o autor: observem meu rosto ou meu perfil; é a isto que deverão assemelhar-se todas essas figuras duplicadas que vão circular com meu nome; as que se afastarem dele, nada valerão, e é a partir de seu grau de semelhança que poderão julgar do valor dos outros. Sou o nome, a lei, a alma, o segredo, a balança de todos esses duplos (FOUCAULT, 1972, p. 5).

O prefácio estabelecido por Foucault tem o objetivo de fazer o movimento contrário da função da autoria. Ele reivindica a possibilidade de colocar o livro em constante deslocamento. No que diz respeito às produções de Foucault, “o que ele já havia escrito não contava mais para ele, pois precisava continuar uma tarefa sem fim” (VEYNE, 2011, p. 228). Buscou assim não estabelecer uma autoridade sobre seus livros. Por isso, em seu prefácio fez uma solicitação ao leitor:

gostaria que esse objeto-evento, quase imperceptível entre tantos outros, se recopiasse, se fragmentasse, se repetisse, se simulasse, se desdobrasse, desaparecesse enfim sem que aquele em que aconteceu escrevê-lo pudesse alguma vez reivindicar o direito de ser seu senhor, de impor o que queria dizer, ou dizer o que o livro devia ser (FOUCAULT, 1972, p. 6).

Foucault era um indivíduo de várias versões, em busca de escrever sem um rosto, de exercer a liberdade de escrita (SOUZA, 2011). Desse modo, a utilização do anonimato a partir máscara é uma alternativa de fuga de qualquer construção identitária sobre si, de qualquer tirania sobre sua obra e de qualquer forma de controle sobre seu corpo, sendo que

“[...] o que institui e dá lugar fixo a um dado corpo, o que lhe atribui uma identidade, o que o faz cair nas malhas do poder e do controle é um nome, é seu nome. Por isso, Foucault cultivava, além da arte de se disfarçar, a arte de mudar de nomes” (ALBUQUERQUE, 2019, p.260).

Assim, mesmo após ter seu corpo e nome revelados na entrevista, ainda há a máscara, mas notamos que não podemos encontrar nada debaixo da máscara. Como nos alertou Dumézil,

[...] se tratando de Foucault, havia dificuldades específicas. Ele era uma pessoa complexa e múltipla. “Tinha máscaras e sempre as trocava”, disse Dumézil, que o conhecia melhor do que ninguém (...) sob a máscara sempre há outra máscara, e a meu ver não existe uma verdade da personalidade que se possa encontrar sob sucessivos disfarces. Há vários Foucault? Mil Foucault, como diz Dumézil? Sim, sem dúvida (ERIBON, 1990, p.13).

A multiplicidade de Foucault pode ser identificada a partir do uso do anonimato. A utilização de máscaras por parte do intelectual estabelece a possibilidade de ser

muitos sujeitos em um mesmo corpo. Assim, encontramos somente máscaras e as máscaras de Michel Foucault são sucessivas, pois não podemos encontrar uma verdade sobre Foucault. Suas biografias podem ser consideradas um problema, visto que a partir delas obtemos informações sobre sua vida

É a partir das narrativas sobre a vida do filósofo que podemos observar suas brechas e artimanhas para fugir de seu nome e todo seu peso. O objetivo principal de Foucault era reinventar-se enquanto sujeito. Desconsiderando qualquer verdade sobre seu corpo, para Foucault o homem é uma invenção recente, que talvez desapareça. Neste sentido, “[...] o conceito de autor funcionou nos domínios de saber. Destacamos aqui, que essa estratégia foucaultiana também foi aplicada ao conceito de homem” (SOUZA, 2011, p. 129), ou seja, a investigação sobre a função da autoria foi possível a partir de uma elaboração anterior do pensamento foucaultiano: a investigação sobre a criação do sujeito.

Assim, nos cabe revisitar algumas possibilidades que permitiram Foucault a pensar e utilizar-se do anonimato, não somente como forma de criticar a função da autoria, mas também escrever sem a facilidade de seu nome. Se o pensamento de Foucault permite o movimento é por que ele mesmo criticou-se e reconheceu as brechas e as alterações de seu *corpus* filosófico. Isso faz com que o filósofo modifique seus equívocos, reconstrua seus próximos escritos, seus temas e suas investigações.

2.2 O DESVANECER DE MICHEL FOUCAULT

O livro *As palavras e as coisas*, publicado pela primeira vez em 1966, foi uma dessas obras nas quais o nome do autor ganha centralidade. Após a publicação da obra, Foucault foi atacado e muito questionado pelo que havia escrito. O filósofo Roberto Machado considera esse livro o mais difícil e ambicioso do intelectual. Esta foi a primeira obra do filósofo a ser lida por Machado, que não concordou em quase nada, chegando a deixar o livro de lado na ocasião:

a ideia de que o homem fosse uma invenção recente cujo fim talvez estivesse próximo - isto é, de que se as disposições do saber moderno viessem desaparecer, ‘o homem se desvaneceria, como na beira do mar, um rosto de areia’ - se chocava com meu pensamento em formação. Soube mais tarde que Foucault tinha rabiscado essa frase num cartão postal ao avistar, de um avião, uma ilha do Mediterrâneo (MACHADO, 2017, p. 27-28).

A “morte do homem” proposta na conclusão do livro parte de uma problemática anterior à própria criação do indivíduo. Para Foucault,

essa questão consistiria em perguntar se verdadeiramente o homem existe. Acredita-se que é simular um paradoxo supor, por um só instante, o que poderiam ser o mundo, o pensamento e a verdade se o homem não existisse. É que estamos tão ofuscados pela recente evidência do homem que sequer guardamos em nossa lembrança o tempo, todavia pouco distante, em que existiam o mundo, sua ordem, os seres humanos, mas não o homem (FOUCAULT, 1999, p. 444).

Ao considerarmos o indivíduo a partir da proposta de Foucault, em que ele é objeto e sujeito de uma criação moderna, compreendemos que não existe uma verdade sobre o homem. A ausência de uma verdade universalizante sob o indivíduo o coloca em uma possibilidade de desvanecimento e “morte”. Foi essa discussão que lhe possibilitou pensar a função da autoria.

A partir do movimento característico do pensamento foucaultiano, durante a conferência de 1969, já citada, ele estava pensando diferente, havia acrescentado novos olhares sobre sua pesquisa. A proposta de Foucault de perceber as verdades criadas sobre os indivíduos passou a ser observada na concepção de autor, passando, desse modo, da “morte do homem” para a “morte do autor”. Assim, Foucault aproveita para destacar alguns equívocos presentes na obra *As palavras e as coisas* (1999), e argumenta durante a conferência:

Se escolhi tratar esta questão talvez um pouco estranha foi, antes de mais, porque queria fazer uma certa crítica ao que noutros tempos me aconteceu escrever, corrigindo assim um certo número de imprudências que então cometi. Em *Les Mots et les Choses*, tinha tentado analisar massas verbais, espécies de tecidos discursivos que não eram escondidos pelas unidades habituais do livro, da obra e do autor. Falava, em geral, da “história natural”, ou da “análise das riquezas”, ou da “economia política”, mas quase nada de obras ou de escritores (QUEIROZ, 2011, p. 52).

Assim como o indivíduo é fruto de uma construção, a partir das ciências empíricas e pós- kantianas, a autoria também é integrante dessa própria invenção, que caracteriza o compromisso do autor com sua obra, ou seja

a autoria, na literatura, nas ciências, nas artes ou na filosofia, é resultado de uma construção, marcada por continuidades, deslizamentos e rupturas, que fizeram de nós aquilo que ainda somos hoje em grande medida: autores, responsáveis por nossa “obra”, portadores de certos privilégios hermenêuticos e detentores de direitos patrimoniais e morais sobre ela (ALVES, 2015, p.80).

Outra obra em que Foucault pretende responder às críticas referentes a sua obra *As palavras e as coisas* é o livro *Arqueologia do Saber*, publicado em 1969. Nele, Foucault acaba explicitando suas opções e ao mesmo tempo buscando demonstrar a sua própria superação. Não se trata de um livro que busca justificativas, mas tenta promover avanços e delinear novos caminhos. Na obra, Foucault apresenta ferramentas de análises históricas em um diálogo direto e ao mesmo tempo crítico sobre o trabalho dos historiadores, sendo este o único livro do autor exclusivamente dedicado a aspectos teóricos e metodológicos de suas análises.

No final da introdução, há frases que já viraram lugares-comum, muitas vezes destacadas para apresentar os movimentos do pensamento do filósofo francês. Elas apresentam suas próprias mudanças e os distintos lugares em que seu pensamento pode estar. Assim, escreve alertando a possibilidade dos autores serem múltiplos e lança um questionamento: “[...] você se critica? Você já arranja a saída que lhe permitirá, em seu próximo livro, ressurgir em outro lugar e zombar como o faz agora: não, não, eu não estou onde você me espreita, mas aqui de onde o observo rindo” (FOUCAULT, 2008, p. 20).

É possível notar que Foucault não se importa com seus deslocamentos conceituais. Mais do que justificar sua obra, ele justifica a possibilidade de seu *corpus* intelectual ocupar diversos lugares, buscando sempre novos caminhos e problemáticas, rejeitando qualquer continuidade e unidade, afastando-se das noções de sujeito e autoria. E conclui:

Vários, como eu, sem dúvida, escrevem para não ter mais um rosto. Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever (FOUCAULT, 2008, p. 20).

Essa marcante frase nos ajuda a pensar a respeito da concepção de Foucault sobre a história e sobre sua concepção de conhecimento. Mais do que isso, a frase diz muito a respeito de como Foucault pensa a si mesmo. Em “um dia, longe da França, em Toronto, ele confessa o seguinte: escrevo para mudar a mim mesmo e não pensar mais a mesma coisa que antes” (VEYNE, 2011, p. 228). O pensamento do intelectual se transformava, assim como sua vida, era como uma cobra que perdia a pele²¹. Para seu

²¹ Roberto Machado utiliza a expressão para denominar um capítulo, no livro *Impressões de Michel Foucault*.

amigo Paul Veyne (2011) Foucault movimentou seu pensamento, pois para ele o filósofo escreveu:

[...] ‘para se desprender de si mesmo’ numa ‘modificação lenta e árdua por preocupação com a verdade’. [...] Para abolir a própria individualidade, a própria exceção, e atingir um estado de indiferença, de ilimitabilidade e de independência em relação a todas as coisas que é uma morte viva (p. 228).

Foucault estava sempre se transformando. Modificando seus corpos, seja seu corpo biológico, que morreu em 1984, ou seus outros corpos, que morrem mas ressurgem à espreita, pois o corpo de Foucault é “um corpo que ao invés de ser morada de um Eu, é o lugar de sua dissociação” (ALBUQUERQUE, 2019, p. 263-264). Além do uso do anonimato como estratégia de fuga e denúncia do autor, Foucault também utilizou-se de pseudônimos para apresentar seus disfarces e desvincular-se de sua publicidade, se tratava de mais uma máscara.

No ano da morte de Foucault, “em 1984, um certo Maurice Florence assinou o verbete ‘Michel Foucault’ para o *Dictionnaire des Philosophes*, editado pela PUF sob a direção do filósofo Denis Huisman” (ALVES, 2007). Na ocasião, o verbete relaciona o pensamento de Foucault como sendo parte da herança do sistema crítico filosófico de Kant, “[...] para espanto daqueles que consideravam Foucault um autor na linha de frente do pós-modernismo, o pensamento de Foucault é inscrito na descendência da filosofia crítica kantiana” (ALVES, 2007).

Mas o verbete, assinado por Maurice Florence, era uma máscara. Pois foi “o próprio Foucault que escreveu esta breve autobiografia [as iniciais M. F. permitiam identificar Foucault por trás de Maurice Florence]” (ALVES, 2007). Na época, o assistente do filósofo havia sido convidado para escrever o verbete, mas ele repassou o convite ao próprio Foucault, que aproveitou a oportunidade para exercer mais uma estratégia de seu corpo e utilizar-se de um texto que já estava em construção. Na ocasião

M. Foucault havia redigido na época uma primeira versão do volume II da História da sexualidade, que ele considerava precisar ser mais trabalhada. Uma parte da introdução que ele havia redigido para essa obra era uma apresentação retrospectiva do seu trabalho. Foi este o texto entregue a Denis Huisman, complementado por uma curta apresentação e uma bibliografia. Combinou-se que ele seria assinado por "Maurice Florence", que resultava na evidente abreviação "M.F.". Assim ele foi publicado (FOUCAULT, 2006b, p.234).

O filósofo que dois anos antes, em 1982 e 1983, realizou cursos no Collège de France, publicados como *O governo de si e dos outros* (1983), já retomava em alguma medida o pensamento Kantiano e a influências do autor em suas pesquisas. E quando entregou o verbete confirmou que sua proposta de pensamento era em grande parte tributário de Kant.

A "História crítica do pensamento", reivindicada por Foucault, distingue-se da história das idéias tradicional por procurar as condições de possibilidade do pensamento a partir da análise da constituição recíproca do sujeito e do objeto e, deste modo, se reconhece como uma filosofia crítica ainda tributária do kantismo (ALVES, 2007).

Foucault demonstrou que para inscrever seu pensamento como pertencente a uma corrente era necessário utilizar-se de uma máscara. O filósofo possuía a arte de disfarçar, seja com o uso de anonimato ou de pseudônimos. Além da estratégia de ser outro, também saiu mascarado pelas ruas, exercendo seu poder de invisibilizar-se. “Em 2 de março de 1954 realizou-se o que foi chamado de *carnaval de loucos* no manicômio de Münsterlingen, na Suíça alemã”. A situação “[...] consistia em disfarçar os internos com máscaras e levá-los a passear pela cidade” (EL PAÍS, 2016). Na ocasião Foucault estava fazendo estágio no hospital e resolveu participar do carnaval, andando pelas ruas, utilizando máscara como os internos que eram considerados loucos.

A loucura percorreu a vida do filósofo, pois além de trabalhar com indivíduos vistos como loucos, o próprio Foucault fora considerado louco e também fez uma história da loucura. Foi no ano de 1948 que o pai de Foucault o levou ao consultório psiquiátrico, após uma de suas várias tentativas de suicídio. Nessa ocasião ele havia perfurado o peito a navalhadas, chegando a ficar internado em alguns episódios de sua juventude (ERIBON, 1990).

Assim, a utilização de máscaras de Foucault junto com os internos do hospital pode ser interpretada de muitos modos. Aqui, o que nos interessa é o fato de Foucault apoiar o uso de disfarces, não somente em seu próprio corpo, mas também sobre corpos alheios, pois o uso de máscaras, ou seja, de pseudônimos não se restringiam apenas a Foucault, ele também oferecia a estratégia como alternativa de fuga, principalmente para seus amigos e companheiros próximos.

2.3 MICHEL FOUCAULT ADVERTE: USEM MÁSCARA

Mathieu Lindon, amigo íntimo, recorda sua amizade com o intelectual em *O que amar quer dizer?* (2014). Ele foi um dos utilizadores da estratégia do pseudônimo, quando “[...] se viu confrontado com a recusa de seu pai, Jérôme Lindon, famoso editor, de publicar seu livro de estreia, por considerá-lo escandaloso [...]” (ALBUQUERQUE, 2019, p. 260). A relação de Mathieu com seu pai era conturbada.

As noites na casa de Foucault eram geralmente animadas, seja pelos jantares entre amigos, ou pelo uso de drogas *LSD* em sua grande parte. Em uma dessas ocasiões, Foucault questiona Mathieu se havia lido a crônica semanal da *Gai Pied*²². Ele não havia lido, a frase da manchete não chamou sua atenção, mas “Michel diz que a frase era tão ruim que ele havia querido ler o texto todo, [...] sentado no sofá com a revista na mão, Michel ao meu lado para reler sobre meu ombro, é um momento maravilhoso” (LINDON, 2014, p. 118). Após ler, percebe que

[...] todas as frases são lamentáveis, mesmo numa onda de LSD não conseguimos rir tanto quanto agora. Michel dá gargalhadas até cair do sofá para o chão, o que me preocupa por um instante sem que eu possa fazer nada, tomado por meu próprio ataque de riso, que deixa meus músculos imprestáveis. Fico encantado que a escrita sele nossa inimaginável cumplicidade (LINDON, 2014, p.118).

Quando Mathieu descobriu que seu pai publicaria o livro de seu amigo e amante Hervé Guibert, sabia que escreveria um romance e “[...] uma noite depois do jantar, no recanto Mahler²³ silencioso. A música, entre nós, fica reservada para o *LSD*, [...] nenhum lugar do apartamento nos traz mais intimidade” (LINDON, 2014, p. 113). Na ocasião, conta a Michel que escreverá o livro (e também que está com ciúmes de Hervé ter levado outra pessoa ao jantar). Os primeiros leitores do livro são Hervé e Foucault. Segundo o próprio Mathieu seu romance é uma

[...] espécie de epopeia cidadina da baixeza. [...] me diverte tratar de uma pornografia em tom menor, [...] misturo meu gosto pelos raciocínios paradoxais à prática literária da prostituição, da pedofilia e da escatologia vistas sob um ângulo que considero original, uma visão atemorizada da vida familiar (LINDON, 2014, p. 116).

²² Revista gay, que circulou mensalmente na França de 1979 a 1992.

²³ Gustav Mahler era um compositor de origem judaica.

A resposta de Hervé vem em uma carta e ele parece não entender o lado cômico do livro, diferente de Foucault, que ao mandar um bilhete, deixa Mathieu entusiasmado, pois realmente entendeu a proposta da obra. Assim, após a leitura de seus amigos, “confiante com essas primeiras reações, deixo o manuscrito com meu pai. [...] tem mil restrições [...] ele se fecha para o livro bem mais do que eu imaginava” (LINDON, 2014, p. 117). Mathieu lembra que em seguida “Michel vai parar no centro do nosso enfrentamento” (LINDON, 2014, p. 117). E continua: “decido que Michel será o árbitro do desentendimento com meu pai. [...] O desentendimento se resolve sem que ele tenha dito uma só palavra que diminuísse meu pai [...]” (LINDON, 2014, p. 119) Após enviar o livro para outras editoras, ninguém aceitou publicá-lo. Assim Jérôme Lindon sugere a publicação sob a condição do filho utilizar um pseudônimo, a proposta não é aceita, até que em uma visita a Foucault,

[...] ele se dirige a mim usando um nome desconhecido, me perguntando o que acho dele. Não acho nada, não entendo o que ele quer. É o pseudônimo que imaginou para mim e, então explica as circunstâncias e consequências que eu não havia entendido. Aproprio-me dele entusiasmado [...] (LINDON, 2014, p. 120).

Os amigos de Foucault eram jovens. Mathieu foi o garoto das rosas, quando Foucault viajava cuidava do apartamento na rua de Vaugirard e também regava as plantas, quando lembrava, missão fracassada muitas vezes. Outro amigo, foi Thierry Voeltzel, o “rapaz dos vinte anos” alcunha dada por Foucault, ao falar dele para Defert. Os dois se conheceram quando Foucault deu uma carona ao jovem, em seu Peugeot 104, pois seu conversível estava na mecânica. Thierry lembra que o carro parecia de um comerciante e o paletó do filósofo era extravagante (VOELTZEL, 2014, p. 25).

O jovem caroneiro Thierry narra que ambos estavam interessados em se conhecer, até que “[...] a conversa, é claro, chegou à leitura. Ele me perguntou o que eu lia. [...] quando falei de Pierre Rivière, ele ficou de repente, muito excitado, muito feliz. Então eu lhe disse: ‘você não seria por acaso...’ E foi aí que descobri quem era ele.” (VOELTZEL, 2014, p. 25) Os dois possuíam muitos aspectos em comum, em seguida os projetos foram acontecendo. O livro *Vingt ans et après* (1978) foi um desses projetos.

A ideia de realizar entrevistas com um jovem de 20 anos falando sobre sua homossexualidade e uso de drogas pareceu ótima para Foucault. Assim, convenceu o

escritor e jornalista Claude Mauriac a ajudar no projeto, juntamente com a editora Grasset. Foi o filósofo que realizou a primeira entrevista com Thierry, para afirmar que havia assuntos a serem explorados. Mas a editora adorou a entrevista e pediu que Foucault as realizasse. E a resposta foi: “Não, não, não é preciso que seja Michel Foucault que o faça” (VOELTZEL, 2014, p. 25). Ele continuava a relutar contra a proposta e a dizer: “Não, eu não quero fazer. Se eu ponho meu nome acima, não falarão do que você diz, falarão do que eu digo” (VOELTZEL, 2014, p. 25).

Por fim, ele realizou as entrevistas e o livro foi publicado. Thierry lembra “[...] o que não agradou - eu imagino, a Grasset, foi que só houvesse meu nome na capa e um prefácio ‘louco’ de Claude Mauriac” (VOELTZEL, 2014, p. 25). Para os tradutores de alguns fragmentos do livro *Vingt ans et après*²⁴ Foucault quis utilizar uma política do anonimato (AMARAL E SILVA; RODRIGUES; DIAS, 2018). Thierry também foi indicado a não utilizar o próprio nome:

Michel me dizia que ele não queria que isso saísse com meu nome. Ele me dizia que não era necessário. Ele tinha feito anagramas com meu nome, ele tinha achado um que se chamava ‘Letzlove’, que lhe agradava bastante. Ele queria mesmo um livro Letzlove (VOELTZEL, 2014, p. 26).

Antes de Foucault rir das crônicas da revista Gai Pied, ele ajudou em sua criação, juntamente com Thierry e algumas pessoas. Em sua casa, na rua Vaugirard, eles escolheram o nome. Depois a revista se tornou vazia para o filósofo, com debates esquerdistas, pouco fundamentados. O interesse de Thierry e Foucault se expandia sobre “[...] o trabalho com os asilos, o trabalho com as prisões, o trabalho com os imigrantes [...]” (VOELTZEL, 2014, p. 26). Inclusive a primeira viagem de Foucault ao Irã teve Thierry como acompanhante. Lá “[...] Michel trabalha todas as noites. Todas as noites ele escreve, toma notas, pergunta-me coisas sobre as entrevistas que fizemos” (VOELTZEL, 2014, p. 28).

A presença da máscara anônima também estava presente nas atividades do Grupo de Informação sobre as Prisões (G.I.P.) “[...] cuja consistência era dada, do seu ponto de vista, pelo caráter coletivo e anônimo” (AMARAL E SILVA; RODRIGUES; DIAS, 2018, p. 59). Foi durante uma

²⁴Fragmentos traduzidos em: FOUCAULT, Michel; VOELTZEL, Thierry. O anti-cu. **ECOPOLÍTICA**, 2018. Disponível em: <<http://ken.pucsp.br/ecopolitica/article/view/43462>>. Acesso em: 04/12/2019.

[...] mesa redonda de 1979, publicada na revista *Esprit* que Foucault adota jocosamente o pseudônimo Louis Appert – com isso evocando Benjamin Appert, filantropo que, no século XIX, publicará memórias de prisioneiros (AMARAL E SILVA; RODRIGUES; DIAS, 2018, p. 58).

A utilização do nome Louis Appert nos leva a pensar a relação de Foucault com o arquivo. O arquivo foi um dos lugares em que Foucault passou mais horas de sua vida. Desde muito jovem, estudava muito e era solitário, quase não conversava com ninguém e por isso passava muitas horas vasculhando documentos. Chegando a utilizar “[...] nome de personagens que encontrava no arquivo da Bastilha” (ALBUQUERQUE, 2019, p.260). Foucault, que era um rato de arquivo (ERIBON, 1990), aproveitava os documentos para colocar em prática a estratégia do anonimato.

Assim, "o anonimato e a adoção de pseudônimos são maneiras que o filósofo encontra para escapar desse vedetismo" (FOUCAULT, 2016, p. 28). As horas a fio que Foucault passava nos arquivos, perto do “[...] vestígio bruto de vidas que não pediam absolutamente para ser contadas dessa maneira, e que foram coagidas a isso porque um dia se confrontaram com as realidades da polícia e da repressão” (FARGE, 2009, p. 14) o ajudou a fazer dele próprio um vestígio que ainda hoje é confrontado e sofre repressão. Essas ocasiões nos leva a pensar que o filósofo, diante de um emaranhado de documentos, de indivíduos infames, torna-se parte dele, pois com auxílio dos documentos pode elaborar novas máscaras e nomes. Mais do que utilizar o nome daquelas pessoas para criar pseudônimos, Foucault se misturava aos documentos, fazendo do arquivo seu santuário particular de máscaras.

Como evidenciamos, o uso de máscaras não ocorria somente por Foucault, ele também oferecia e advertia sobre os privilégios de utilizar-se da estratégia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: OS TEMPOS DOS CORPOS DE MICHEL FOUCAULT

Michel Foucault, reconhecido por sua gola rolê com paletó, sorriso largo e “óculos cobrindo os olhos que denunciavam a inteligência [...]” (MACHADO, 2017, p. 34), caminhava com seu andar esguio como a de uma figura teatral. Sobre suas atitudes "ouso até mesmo dizer que Michel levava em consideração com quem estava falando para saber o que dizer" (MACHADO, 2017, p. 50). Mas essa caracterização do intelectual é somente uma descrição de seu corpo biológico. Pois seus outros corpos estão envoltos de máscaras.

Um corpo feito de carne, mas também de ideias, que o marcam e o dissolvem. Como não pensar nas experiências em que buscava o anonimato, a escuridão, o mascaramento, como forma de arruinar o corpo cotidiano, banal, rotineiro, disciplinado, do professor e do filósofo Michel Foucault? [...] O corpo, essa permanente metamorfose das carnes. Os corpos, em sua permanente mudança, são a própria encarnação dos acontecimentos, do tempo. Na história, o corpo se faz tempo e o tempo se faz corpo. Nessas viagens por vezes o Eu se dissocia, se bifurca. Em Foucault, o corpo é um arquivo, uma superfície de inscrição dos acontecimentos, o corpo é documento e monumento, onde um Eu se elabora e um Eu se perde, incessantemente (ALBUQUERQUE, 2019, p. 264).

A utilização de máscaras por Foucault corresponde a um intelectual que adquiriu para si sua própria concepção de sujeito. Pois, assim como o indivíduo é uma criação moderna, tentar narrar toda a vida e corpos de Foucault também seria uma invenção. Neste sentido, concluímos que não é possível alcançar um único Foucault, o que podemos encontrar são disfarces e máscaras.

As fugas, as máscaras, os nomes, as aparências, ou seja, a multifacetada vida que compõe os corpos de Foucault são todas tentativas de disfarces. E mais do que buscar desvincular-se de seus escritos e da projeção deles sobre sua vida, o uso de pseudônimos e anonimato são alternativas utilizadas por Foucault para fazer de seu corpo uma experiência de seu tempo. Uma experiência que tinha como objetivo principal ignorar qualquer forma de verdade sobre ele, abominando qualquer definição de unidade sobre seu corpo.

Um indivíduo de várias caracterizações e nomes, que nos alertou de sua doença que o impedia de conceder entrevistas autobiográficas e também solicitou “não me pergunte quem sou”, somente pode ser narrado a partir de episódios fragmentados,

cobertos de máscaras. Assim, só podemos narrar a vida de Michel Foucault a partir de sua multiplicidade de disfarces.

Ao narrar sua vida seguindo essas fugas e inquietudes que rondam seu corpo, podemos vislumbrar novas posições e produções historiográficas para as biografias de Foucault. As narrativas focadas no uso de pseudônimos e anonimato nos apresenta uma alternativa biográfica às narrativas dos grandes acontecimentos, lineares e condicionantes, pois ao invés de definir uma vida, ela busca identificar as tentativas de fugas e lacunas de um corpo em movimento que não cessa em reinventar-se. Constrói, pois, uma biografia de episódios a partir de aspectos que entram em conflito com características de uma história de vida linear.

Mesmo compreendendo que por detrás da máscara encontraremos sucessivas máscaras, o relato biográfico fragmentado pode ser uma alternativa na investigação de cadáveres históricos e suas ressonâncias nos dias atuais. No caso de Foucault, que teve seu corpo revisitado após os movimentos de seus arquivos, tanto na França como no Brasil, notamos que se trata de corpos biográficos que emergem em distintos lugares.

Esses corpos nem sempre são constituídos para ocupar um espaço biográfico. Mas a partir do olhar de biógrafo, este enquanto antropófago de seu biografado, reconhece esses corpos enquanto biografia, e a partir deles recria historicamente atmosferas biográficas, que se caracterizam pela fragmentação e descontinuidade. Constrói, assim, biografias que possuem como foco o corpo enquanto lugar da vida, mas que não se restringem ao corpo biológico, ou seja, o corpo enquanto ponto das ressonâncias biográficas.

Se a vida de Foucault pode ser considerada um problema hoje, não é somente pelas práticas de vida do filósofo, e sim por seguir em uma via distinta de um lugar cada vez mais requisitado em nossa sociedade, o de autoria e de identidade. Poderíamos dizer que a sociedade vive uma espécie de “febre do pertencimento”, onde os indivíduos devem ocupar um espaço e possuir uma identidade sólida. Essa busca pelo pertencimento identitário também pode estar associada a grupos de ódio, como as crescentes manipulações nacionalista e ascensões neofacistas no mundo. Assim, a busca por uma identidade se encontra em âmbitos distintos daqueles pensados por Foucault, fazendo com que seu pensamento e suas práticas corporais sejam alvo de

ataque, ou seja, que a biografia de Foucault seja abordada como problema, como no caso da PUC-SP.

Por fim, compreendemos que mesmo que a vida de Foucault seja posicionada de modo pejorativo, em tentativas difamatórias e/ou de censuras, também pode ser revisitada como possibilidade de pensar nossa contemporaneidade. Pois “Michel Foucault na vida e no pensamento sempre deu o que pensar” (ALBUQUERQUE, 2019, p. 270). Nesse momento de pandemia de covid-19, o corpo de Foucault foi novamente revisado.

Agora em que o risco de morte é iminente, compreendemos que Foucault pode nos auxiliar, pois “o mais importante que aprendemos de Foucault é que o corpo vivo (e, portanto, mortal) é objeto central de toda política” (PRECIADO, 2020, p. 01). Mesmo sendo um corpo mortal, Preciado construiu seu texto a partir de um questionamento central: se Foucault estivesse vivo, estaria cumprindo o isolamento? (PRECIADO, 2020). A vida do filósofo ser recordada em um momento tão difícil nos diz muito da potência do corpo de Foucault nos dias de hoje. Pois, ao se questionar suas possíveis atitudes, Preciado nos mostra que temos muito que aprender com as práticas de vida de Foucault. Assim, o corpo do intelectual é mais do que somente um apanhado de carnes decompostas, pois sua biografia não está somente no passado, mas em nosso presente e ousa dizer que em nosso futuro.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

ALBUQUERQUE, Durval M. As viagens e as viragens da carne: o corpo como espaço de práticas de liberdade ou corporificando Michel Foucault. In: BUTTURI JUNIOR, Atílio; CANDIOTTO, Cesar; SOUZA, Pedro de; CAPONI, Sandra. (orgs.) **Foucault e as práticas de liberdade I: o vivo e os seus limites**. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 249-272, 2019.

ALVES, Alexandre. A crítica de ponta-cabeça: sobre a significação de Kant no pensamento de Foucault. **Trans/Form/Ação**, Marília, SP, v. 30, n. 1, p. 25-40, 2007.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732007000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25/11/2020.

ALVES, Marco Antônio Sousa. A autoria em questão a partir de Foucault: autor, discurso, sujeito e poder. **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 22, n. 37, 2015.

AMARAL E SILVA, Eder; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; DIAS, Rosimeri de Oliveira (2018). É preciso se desembaraçar do sexo – Notas introdutórias a uma conversa entre Michel Foucault e Thierry Voeltzel. **Revista Ecopolítica**, São Paulo, n. 22, set-dez, pp. 55-65.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. Apresentação: o que pode a biografia hoje? In.: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, p. 7-16, 2018.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Editora FGV, p.183-191, 2015.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DEFERT, Daniel. Cronologia. In.: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**: psicologia, psiquiatria, psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, v. 1, p. 1-64, 1999.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.

DOTTO, Pedro. Cátedra Michel Foucault: “depois da negativa, houve aumento de interesse sobre o autor”. [Entrevista concedida a] Vinicius Siqueira. **Colunas Tortas**, 2015. Disponível em:

<<https://colunastortas.com.br/catedra-michel-foucault-depois-da-negativa-houve-aumento-de-interesse-sobre-o-autor-diz-pesquisador/>>. Acesso em: 14/03/2019.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault, 1926-1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Entrevista. **Versus**. São Paulo, n. 1, p. 30-33, 1976.

_____. Foucault. In: _____. **Ditos e Escritos**: Ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, v. 5, 2006b.

FOUCAULT, Michael. **História da loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

_____. **O belo perigo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. O filósofo mascarado. In: _____. **Ditos e Escritos**: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, v.2, p. 299-306, 2000.

GRUPO de pesquisas michel foucault. **Em defesa da Cátedra Michel Foucault e a filosofia do presente**. 2015. Disponível em:

<https://www.facebook.com/pg/emdefesadacatedra/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 12/04/2019.

HOFFMAN, Marcelo. De silêncio a protesto público: Foucault na Universidade de São Paulo em 1975. In.: BUTURRI J., A.; CANDIOTTO, C.; SOUZA, P.; CAPONI, S. (Orgs.). **Foucault e as práticas de liberdade II**: topologias políticas e heterotopologias. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

LINDON, Mathieu. **O que amar quer dizer?** Trad. Marília Garcia. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MACHADO, Roberto. **Impressões de Michel Foucault**. São Paulo: n-1 Edições, 2017.

MALATIAN, Tereza Maria. A biografia e a História. **Cadernos Cedem**, v. 1, n. 1, p. 16-31, 2008.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. O tacão das botas e as amigadas: as políticas do olhar entre o poder e a resistência. **Revista Transversos**. “Dossiê: Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro: três décadas de Resistência”. Rio de Janeiro, no. 12, pp. 359-371, Ano 05. abr. 2018. Disponível em:
<<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. Acesso em 4/06/2020.

PARRO, Ricardo; DA SILVA, Anderson Lima. Michel Foucault na Universidade de São Paulo. **Discurso**, v. 47, n. 2, p. 205-223, 2017.

QUEIROZ, Sônia. **O que é um autor?**, de Michel Foucault. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

RIBEIRO, Renato Janine. Filósofos franceses no Brasil: um depoimento. Em: Martins, Carlos Benedito (org.) **Diálogos entre França e Brasil**. Formação e cooperação acadêmica. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, p. 461-464, 2005.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; DIAS, Rosimeri. A informação como luta Michel Foucault e a imprensa nanica no Brasil. In.: BUTURRI J., A.; CANDIOTTO, C.; SOUZA, P.; CAPONI, S. (Orgs.). **Foucault e as práticas de liberdade II: topologias políticas e heterotopologias**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

_____. Um (bom?) departamento francês de ultramar-Michel Foucault no Brasil, 1965. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 186-203, 2010.

_____. Michel Foucault no Brasil - esboços de história do presente. **Verve**, revista semestral autogestionária do Nu-Sol, São Paulo, n. 19, p. 93-112, 2011.

_____. Um Foucault desconhecido? Viagem ao Norte-Nordeste brasileiro em tempos (ainda) sombrios. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 141-158, 2012.

PRECIADO, Paul B. **Aprendendo do vírus**. São Paulo: N-1 edições, 2020.

SCHERER, Odílio Pedro. “**Carta aberta à Marilena Chauí**”. São Paulo, 2015.

Disponível em:

<https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/aci/2015_06_26_carta_aberta_a_pr_of.a_marilena_chau_i_.pdf>. Acesso em: 15/03/2019.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In.; CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SCHMIDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. **Anos 90**, v. 4, n. 6, p. 165-192, 1996.

SOUZA, Bianca K. Que importa quem fala? – O desaparecimento do autor segundo Michel Foucault. **Intuição**, v. 4, n. 2, p. 123-132, 11 dez. 2011.

VEYNE, Paul. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VOELTZEL, Thierry. Entrevista com Thierry Voeltzel. In.; ARTIÈRES, Philippe. BERT, Jean-François; GRÓS, Frédéric; REVEL, Judith. (Orgs.). **Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

Documentos:

BRASIL. ASP/SNI nr. 5325, 1975. Disponível em:
<http://pesquisa.memoriasreveladas.gov.br/mrex/consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado_SIAN.asp?v_CodReferencia_id=1901737&v_abas=1>. Acesso em: 14/12/2020.

CHAUÍ, Marilena. “**Carta aberta ao Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer**”. São Paulo, 2015. Disponível em:
<<https://filosofiapucsp.wordpress.com/2015/06/25/carta-aberta-de-marilena-chau/>>. Acesso em: 15/03/2019.

FRANCE. Arrêté du 28 mars 2012 refusant le certificat prévu à l'article L. 111-2 du code du patrimoine. **JORF n°0089 du 14 avril**: texte n° 25, 2012a. Disponível em:
<https://www.legifrance.gouv.fr/download/pdf?id=PjWfLgTIKWdIGcqWHA8SVpA3aSsUig_JjsN7NA7IszA=>>. Acesso em: 14/10/2020.

_____. Avis no 2012-03 de la commission consultative des trésors nationaux. **JORF n°0089 du 14 avril**: texte n° 151, 2012b. Disponível em:
<<https://www.legifrance.gouv.fr/download/pdf?id=PjWfLgTIKWdIGcqWHA8SVnsnvwwH0VDQEZvB-kF6YKM=>>>. Acesso em: 14/10/2020.

SCHERER, Odilo Pedro. “**Carta aberta à Marilena Chauí**”. São Paulo, 2015. Disponível em:
<https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/aci/2015_06_26_carta_aberta_a_prof.a_marilena_chau_i_.pdf>. Acesso em: 15/03/2019.

Periódicos:

ARQUIVOS do filósofo Michel Foucault catalogados como ‘tesouro nacional’. **Veja**, São Paulo, 16 abr. 2012. Disponível em:
<<https://veja.abril.com.br/entretenimento/arquivos-do-filosofo-michel-foucault-catalogados-como-tesouro-nacional/>>. Acesso em: 14/12/2020.

COELHO, Marcelo. Galileu está de volta. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 jun. 2015. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcelocoelho/2015/06/1643010-galileu-esta-de-volta.shtml>>. Acesso em: 14/12/2020.

EM MEIO à polêmica, PUC amanhece com placa em homenagem a Foucault. **O Tempo**, Belo Horizonte, 29 mai. 2015. Disponível em:
<<https://www.otempo.com.br/capa/brasil/em-meio-a-polemica-puc-amanhece-com-placa-em-homenagem-a-foucault-1.1047478>>. Acesso em: 14/12/2020.

DELIBERAÇÕES. **Folha de São Paulo**, 24 outubro de 1975. Disponível em:
<<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=5647&keyword=Foucault&anchor=4633620&origem=busca&pd=d949858e510464e4e3cd24e563f6258f>>. Acesso em: 14/12/2020.

FAERMAN, Patrícia. Bispos censuram pesquisa acadêmica e PUC-SP pode perder áudios de M. Foucault. **GGN**, 3 mai. 2015. Disponível em:

<<https://jornalggn.com.br/educacao/bispos-censuram-pesquisa-academica-e-puc-sp-pode-ponder-audios-de-m-foucault/>>. Acesso em: 14/12/2020.

FOUCAULT continua mudando o mundo. **El País**. 2016. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/14/cultura/1452771353_195413.html>.
Acesso em: 29/10/2019.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Professora de filosofia da PUC-SP critica coluna de Pondé sobre cátedra. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 jun. 2015. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2015/06/1643087-professora-de-filosofia-da-puc-sp-critica-coluna-de-ponde-sobre-catedra-de-foucault.shtml>>. Acesso em:
14/12/2020.

HAILER, Marcelo. Viada e Subversiva: Michel Foucault ainda incomoda muita gente. **Fórum**, São Paulo, 8 mai. 2015. Disponível em:
<<https://revistaforum.com.br/cultura/opiniao-viada-e-subversiva-michel-foucault-ainda-incomoda-muita-gente/>>. Acesso em: 14/12/2020.

MORAES, R. Foucault na Bahia, atrás de Eros. **Folha de S. Paulo**, 1976.

MUCHAIL, Salma. Professora emérita da PUC comenta polêmica acerca de cátedra. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 jun. 2015. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2015/06/1637200-professora-emerita-da-puc-comenta-polemica-acerca-da-catedra-michel-foucault.shtml>>. Acesso em: 14/12/2020.

NETO, Francisco Borba Ribeiro. Obscurantismo ou identidade? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 jun. 2015. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2015/06/1636660-francisco-borba-ribeiro-neto-obscurantismo-ou-identidade.shtml>>. Acesso em: 14/12/2020.

NUNES, Wálter. Alunos e professores da PUC protestam por veto à Cátedra Foucault. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 jun. 2015. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/06/1640616-alunos-e-professores-da-puc-protestam-por-veto-a-catedra-foucault.shtml>>. Acesso em: 14/12/2020.

PONDÉ, Luiz Felipe. Da missa a metade. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 jun. 2015. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2015/06/1642093-da-missa-a-metade.shtml>>. Acesso em: 14/12/2020.

QUEIRÓS, Luís Miguel. Arquivos de Michel Foucault com destino incerto. **Público**, Via Norte, 7 mai. 2012. Disponível em:
<<https://www.publico.pt/2012/05/07/culturaipsilon/noticia/arquivos-de-michel-foucault-com-destino-incerto-1545072>>. Acesso em: 14/12/2020.

SAFATLE, Vladimir. Obscurantismo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 mai. 2015a. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2015/05/1627730-obscurantismo.shtml>>. Acesso em: 14/12/2020.

_____. Obscurantismo, sim! **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 jun. 2015b. Disponível em:

<<https://m.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2015/06/1639594-obscurantismo-sim.shtml?mobile>>. Acesso em: 14/12/2020.

SOUZA, Felipe. Marta participa de protesto para manter cátedra de Foucault na PUC.

Folha de São Paulo, São Paulo, 25 mai. 2015c. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/05/1633391-marta-participa-de-protesto-para-manter-catedra-de-foucault-na-puc.shtml>>. Acesso em: 14/12/2020.

UMA AULA de Fucô. **Jornal EX-16**, São Paulo, p. 2, 16 nov. 1975. Disponível em:

<<https://pt.scribd.com/document/155155743/Jornal-EX-16-Novembro-1975>>. Acesso em: 14/12/2020.